

CARIELE DO SACRAMENTO SOUZA

Dos nós às tramas: afetos, SobreVivências e criações de si

São Paulo

2023

CARIELE DO SACRAMENTO SOUZA

Dos nós às tramas: afetos, SobreVivências e criações de si

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, Programa de Mestrado Profissional Interunidades de Formação Interdisciplinar em Saúde para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Celso Zilbovicius

Co-orientadora: Profa. Dra. Yara M^a de Carvalho

São Paulo
2023

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação Odontológica
Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo

Souza, Cariele do Sacramento.

Dos nós às tramas: afetos, SobreVivências e criações de si / Cariele do Sacramento Souza; orientador Celso Zilbovicius; co-orientador Yara Maria de Carvalho. -- São Paulo, 2023.

109 p. : fig. 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Programa Mestrado Profissional Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde. -- Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. Versão corrigida.

1. Arte. 2. Vida. 3. Juventude. 4. Afetos. I. Zilbovicius, Celso. II. Carvalho, Yara Maria de. III. Título.

Fábio Jastwebski – Bibliotecário - CRB8/5280

Souza CS. Dos nós às tramas: afetos, SobreVivências e criações de si. Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: 03 / 03 /2023

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). Celso Zilbovicius

Instituição: Universidade São Paulo Julgamento: Aprovada

Prof(a). Dr(a). Sumaya Mattar

Instituição: Universidade São Paulo Julgamento: Aprovada

Prof(a). Dr(a). Laura Pozzana de Barros

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro Julgamento: Aprovada

Dedico este estudo a trabalhadoras e trabalhadores da educação, da cultura, da saúde e da psicologia que buscam decolonizar a sua práxis a partir de outras ferramentas que instigam a reflexão crítica e a invenção da vida.

AGRADECIMENTOS

À força dos meus ancestrais que muito contribuiu para que eu chegasse até aqui, me dando energia, vibrações e perseverança, abrindo caminhos.

A minha família, que mesmo com pouco recurso me deu sempre o melhor. Com vocês aprendi a lutar.

A minha companheira Carol, que impulsionou rupturas e novas descobertas sobre mim e sobre a/o outra/o. Obrigada pelo apoio e parceria.

Às pessoas queridas, que estiveram comigo nesta jornada e me incentivaram a persistir.

Ao meu analista Francisco Dias, pela escuta cuidadosa que me auxilia a sustentar o meu desejo, suportar a falta, quebrar ideais, a dar forma ao vazio e fazer das pedras criações e não tropeços.

À Rosana Silva, que despertou em mim o interesse pela psicologia da saúde, com seu jeito encantador, real e esperançoso. Agradeço todo apoio em todos esses anos de amizade.

Aos meus orientadores Prof. Dr. Celso Zilbovicius e Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho que possibilitaram a construção de reflexões, ideias, aprendizados e abertura para pesquisar em outra perspectiva, pela disponibilidade, pela escuta atenta e diálogo afinado.

Ao Oré Coletivo Solidário por me acolher nesta cidade, abrindo portas para o meu exercício clínico, para construir redes. Agradeço também pela compreensão nos momentos difíceis e de silêncio. Nossas sementes continuam dando fruto e continuarão.

À Banca Examinadora pelas indicações, trocas, pelo olhar sensível e preciso, pelo conhecimento compartilhado.

Ao Grupo de Pesquisa Corpus que contribuiu de forma muito importante para lapidar e compreender passos nesta pesquisa.

À Sandra Kafka pela arte do cartaz para a divulgação do projeto.

À Bianca Simas pela montagem do vídeo e parceria.

À Profa. Dra. Sumaya Mattar que abriu um mundo poético e me ajudou a mapear trajetórias, me fez adquirir novos conhecimentos, fazer conexões e inspirou a criação.

A participante, porque sem ela não seria possível a realização deste projeto, agradeço o nosso encontro, o afeto, a experiência que tivemos em parceria.

À Secretaria de Cultura e Educação de Suzano pela colaboração e co-participação inicial no projeto, abrindo portas do espaço e diálogo.

À Secretaria do Departamento deste mestrado, pelas orientações, auxílio e receptividade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 - Mapa de pesquisa.....	28
Figura 3.2 - SobreVivências.....	29
Figura 3.3 - Corte no sis.tema.....	31
Figura 3.4 - Subversão dos padrões de beleza.....	32
Figura 3.5 - Da gaiola para o voo.....	34
Figura 3.6 - Desencaixada.....	35
Figura 3.7 - Pintura.....	38
Figura 6.1 - Tabla Nierika.....	46
Figura 6.2 - Remonta.....	48
Figura 6.3 – Corpo e(in)scrito.....	49
Figura 6.4 - O corpo pede pra sair.....	55
Figura 6.5 - Memórias	57
Figura 6.6 - Memórias	58
Figura 6.7 - Rede ancestrais.....	59
Figura 6.8 - Embranquecimento.....	64
Figura 6.9 - Bahia.....	67
Figura 6.10 - Registro poético	68
Figura 6.11 - Descendência.....	68
Figura 6.12 - Registro poético Final.....	69
Figura 6.13 - Tramas.....	70
Figura 6.14 – Cordão de vida	71
Figura 7.1 – Nautilo.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBTQIAP+	Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outros
UBS	Unidade Básica de Saúde
AT	Acompanhamento terapêutico

RESUMO

Souza SC. Dos nós às tramas: afetos, Sobrevivências e criações de si [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia; 2023. Versão Corrigida.

Esta é uma pesquisa qualitativa, exploratória e participante que busca compreender modos de contribuir para a produção de saúde e de vida com a arte. Início o trajeto através da minha história de vida e dos meus processos criativos para, após, percorrer 9 encontros junto com uma participante. Este estudo trata de experiências, afetos, tessituras de narrativas de sobre.vivências construídas ao longo deste percurso com o apoio dos intercessores, conceito criado por Deleuze, em diálogo com a Pedagogia Decolonial. Costuramos diálogos críticos rumo ao decolonial, juventudes, autonomia, emancipação e resistência. As produções, os registros poéticos que nos deparamos em seguida e o diário de campo fazem parte da análise. Este trabalho demonstra que pesquisar é um encontro consigo e com o outro, no qual podem surgir afetos, criações e, nessa lógica, é possível inventar outras práticas de produção de saúde. Como resultante final, o Produto Educacional foi realizado em formato de um vídeo chamado “Refluxo”, para fomentar discussões e multiplicar outras produções de vida em serviços intersetoriais.

Palavras-chave: Arte. Vida. Juventudes. Afetos.

ABSTRACT

Souza SC. From knots to wefts: affections, Survivals and self-creations [dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia; 2023. Versão Corrigida.

This is a qualitative, exploratory and participant research that seeks to understand ways to contribute to the production of health and life with art. I start the path through my life story and my creative processes, after going through 9 meetings with a participant. This study deals with experiences, affections, textures of survival narratives built along this path, with the support of intercessors, a concept created by Deleuze, in dialogue with Decolonial Pedagogic. We sew critical dialogues towards the decolonial, youths, autonomy, emancipation, and resistance. The productions, the poetic records that we find below and the field diary are part of the analysis. This work demonstrates that research is an encounter with oneself and with the other, in which affections, creations can arise and in this logic it is possible to invent other health production practices. As a final result, the Educational Product was made in a video format called “Refluxo”, to encourage discussions and multiply other productions of life in intersectoral services.

Key words: Art. Life. Youths. Affections.

*Esperar con la angustia guardada, la columna
rota e la inmensa mirada. Sin andar en el vasto
sendero moviendo mi vida cercada de acero.*

Frida Kahlo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - TRAVESSIAS DE UMA PESQUISA.DOR.A.....	17
2 JUVENTUDES.....	23
3 ARTE, EXPERIÊNCIA E VIDA - CARTOGRAFIAS DE SI.....	27
4 PROPOSIÇÃO.....	39
5 METODOLOGIA: TRAJETOS.....	41
6 PROJETO SOBREVIVÊNCIAS.....	45
7 FIOS E TRAMAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICES.....	85
ANEXO.....	105

1 INTRODUÇÃO - TRAVESSIAS DE UMA PESQUISA.DOR.A

Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto.

Gilles Deleuze

Durante essa caminhada de pesquisa cruzei diferentes ruas, algumas vezes repeti o mesmo trajeto, dei voltas e voltas em busca de algo que me contemplasse. Achei ruas por mim desconhecidas, deixei de andar por algumas que para mim já não cabiam mais, fui me abrindo para outros conhecimentos para me atualizar, aprender e dialogar com o contexto atual. Durante a graduação de psicologia me aproximei mais do campo da saúde e desde a minha inserção neste campo tenho buscado realizar um fazer diferente; os moldes tradicionais hegemônicos não dialogam com o que entendo como cuidado. Cuidar trata-se de acolher, escutar atentamente o (a) sujeito (a) e a clínica tem essa dimensão importante, na minha prática, de escuta atenta, ética, horizontal e sensível ao desejo.

Após o término da graduação, a angústia por começar a atuar me fez traçar rotas e neste período me reencontrei com a arte através da escrita, que me fez reconectar com o passado. Na adolescência, a escrita foi fundamental para catarse, uma possibilidade de expressar o que eu não conseguia verbalizar. No diário, no caderno da escola, em qualquer papel, eu precisava escrever as minhas inquietações, pensamentos autodestrutivos e questionamentos. Outras inquietações foram tomando conta de mim até que retomei a escrita em 2016, até que me recordei que, desde criança, eu costumava escrever muitas cartas para minha mãe. Era a minha forma de expressão.

O meu interesse em arte e saúde iniciou quando realizei uma disciplina no Instituto de Saúde Coletiva do Estado da Bahia, a qual articula literatura e saúde. Assim, um reencontro com a poesia se deu.

Ainda nessa direção do que me sensibiliza, me atravessa, do que me transforma, do que me sustentou esses anos todos, na Pós-graduação escolhi pesquisar arte no ambiente hospitalar. Foi quando me deparei com vários artigos que discorriam sobre a importância dessa articulação e como a cultura pode produzir saúde.

Ao longo do meu trajeto, desde 2014 escolhi a área da saúde para atuação, cursos, estágios, experiências que fizeram parte do meu trajeto e atualmente percebo que cada vez mais o conceito de saúde tem tido diferentes significados e a arte me ajuda neste caminho.

A minha trajetória no campo da arte ainda é pouca, compreendo que não aprofundei ainda nas teorias, técnicas e por isso também iniciar uma pesquisa de mestrado nesse campo em um campus que é das áreas das ciências da saúde, foi um desafio e serviu de motor para eu me enfrentar. Há quase dois anos tenho feito aproximação com esse diálogo, fazendo curso de arte e filosofia, de escrita e corpo, de oficinas sobre arte decolonial, buscando referências de artistas negras, nordestinas e LGBTQIAP+.

A minha saída de Salvador para São Paulo me fez chegar até aqui, não havia traçado um roteiro. Como nômade, na medida em que caminhava, desejos e possibilidades se apresentavam. Tive a oportunidade de me inserir pela primeira vez em uma UBS, onde meu interesse pela saúde da juventude se firmou e, diante disso, na tentativa de romper lógicas biomédicas, me colocava a escutar aquilo e fazia sentido para mim, resgatei as experiências e desejos que eu tinha em articular arte e saúde. Assim, comecei o trabalho realizando Educação em Saúde Mental na Escola e oficinas na UBS, logo após iniciei este mestrado. Dessa forma, este estudo é uma busca por aquilo que me faltou na graduação, uma tentativa de recuperar as minhas vivências e vivenciar novas, impulsionadas pela angústia que me moveu desde quando escrevia aos 15 anos: O que fazer com a existência?

A música de Caetano Veloso "Existimos, a que será que se destina?" coloca uma interrogação e, diante disso e da minha pergunta, tento responder a esse enigma e continuo sem resposta, mas a tentativa é que me faz continuar produzindo e seguindo a vida.

Viver em si é trabalhoso, é doloroso, é um enigma. Quando estou desmontada, entregue ao limbo, pego um papel, a poesia me remonta. Quando leio Clarice Lispector, "eu não escrevo por querer não. Eu escrevo porque preciso. Senão, o que fazer de mim?", eu me vejo no espelho.

A poesia, costumo dizer, é o meu vazio que tento preencher com palavras e ela mesma me lembra que não se pode preencher tudo, há os espaços entre uma palavra e outra, há os espaços da letra, há um ponto, há o papel que acaba, há as entrelinhas... Por outro lado, ela também me lembra que a vida continua, as vírgulas, o caderno novo, um outro papel em branco, é sempre possibilidade de criar alguma coisa. É disso que se trata a vida, de criação e rede que circula desejos. Vida narrada no papel, todo dia temos uma folha em branco ou podemos continuar escrevendo na folha de ontem, mas sempre vai ser algo novo, uma palavra nova, uma possibilidade para inventar.

Essa pesquisa é o lugar onde eu me descubro por meio da experiência com a arte, resgato o meu passado e os silenciamentos que tive, não por questões de raça, mas por conservadorismo na adolescência e juventude. Este estudo é um acontecimento, é um desejo, é uma experiência, que ao longo de quase 3 anos venho me descobrindo enquanto profissional e pessoa. Foi neste

caminho que me identifiquei como parda e me assumi LGBTQIAP+, foi onde fui tentar mapear as minhas origens, porque encontrar tal resposta para algum de nós às vezes é impossível.

A vida é feita de tentar fazer algo com esse vazio da existência humana, de tentar se criar e se inventar para além do que o outro deseja de mim. Ao abrir brechas entre eu e o mundo, para fazer aparecer o desejo singular. E isso não é, de um certo modo, produzir modos de vida? Fazer deslocamentos possíveis para continuar reexistindo e resistindo, enquanto LGBTQIAP+ em uma sociedade LGBTfóbica, cuja violência muitas vezes se inicia em casa, resistência para existir é um legado.

Aqui apresento uma tentativa de escuta diferenciada, elos entre a sobrevivência e sobre vivências. Por isso, a escrita na primeira pessoa é o encontro comigo mesma,

Às vezes eu temo escrever. A escrita adentra o medo para que eu não possa escapar de tantas construções coloniais nesse mundo, eu sou vista como um corpo que não pode produzir conhecimento. Como um corpo fora do lugar. Eu que, enquanto escrevo, cada palavra escolhida por mim será examinada, e provavelmente, deslegitimada. Então, por que eu escrevo? Eu tenho que fazê-lo, eu estou incrustada numa história, de silêncios impostos, de vozes torturadas, de línguas interrompidas por idiomas forçados e interrompidas falas. E eu estou rodeada por espaços brancos, onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer. Então, por que eu escrevo? (1)¹.

Porque é uma forma de resgate de mim mesma, na qual a escrita sempre esteve presente na minha história, é por meio dela que transcrevo o mundo, sentimentos, pensamentos e sensações, é onde me coloco como sujeito, onde eu falo por mim, onde eu diálogo com a/o outra/outro, eu pesquisadora não sou só isso, sou também uma das participantes desse estudo, sem neutralidade.

A escrita narrativa é também um modo de revisitar memórias, vasculhar gavetas dos guardados, como aponta Iberê Camargo, situa o desejo e aponta caminhos. E foi assim, dando significações, revendo experiências, escutando a mim e conhecendo pessoas, que percebi a arte como uma possibilidade para mim, no meu fazer cotidiano, que até então não via como tal. Este trabalho não se propõe a se aprofundar nas questões de cunho racial e nas intersecções, mas estas atravessaram desde o começo até o final da pesquisa.

Recursos construídos ao longo deste estudo por meio de disciplinas, referenciais teóricos, práticas e minha própria caixa de ferramentas com experiências fazem parte desta composição.

Algumas vivências me interessam compartilhar aqui neste estudo. Foram pontos no mapa que ampliaram a visão do que se trata uma pesquisa com o outro, a outra. O trabalho com Acompanhamento Terapêutico (AT) muito contribuiu para o andarilho desta pesquisa, abriu

¹ Tradução livre do vídeo "While I Write" de Grada Kilomba, feito por Anne Caroline Quiangala (UNB).

espaço para novas formas de escuta, sem um setting fechado, aberta para outros modos de escuta onde a neutralidade não tem lugar, o trabalho como AT permite emprestar o corpo, improviso, intuição e interceder pelo outro, inventar outros circuitos que circulam afetos e jeitos de relacionar-se. Me empresto dessa prática para este estudo.

A Residência Artística Performática trouxe ferramentas importantes para pensar o corpo na cidade, a disciplina na Escola de Artes e Comunicação na Universidade de São Paulo foi importante para permitir me aventurar e a me orientar por outro modo de pesquisar, as indicações de leituras e trabalhos foram basilares para a bagagem dos encontros. A minha experiência clínica a partir da psicanálise me orienta a ter uma escuta sensível e outra experiência única foi a minha viagem pela primeira vez ao México onde encontrei inspiração para produções artísticas, sendo que alguns registros fotográficos de obras estão aqui compartilhados.

Esta pesquisa foi impulsionada pela angústia que fez aparecer o desejo de compreender as contribuições de recursos artísticos para a produção de saúde com jovens, a partir das minhas experiências de trabalho e pessoais, percebi que é possível cuidar e abordar sobre a saúde de outros modos contra hegemônicos. O estudo tem como intuito gerar contribuições pertinentes para a construção de uma prática inventiva, isto é, outras práticas de cuidado através das expressões artísticas tecendo reflexões decoloniais da juventude e da sociedade que possam ser realizadas em ambientes intersetoriais, nos serviços de saúde, nos espaços de cultura, de educação, por exemplo, onde possam gerar abertura que promovam o encontro ou reconhecimento de potências, criatividade e singularidade de cada sujeito.

Acreditando na construção do cuidado que se dá também através do fortalecimento de vínculos coletivos, da troca de afetos e compartilhamentos acerca das possíveis estratégias de cuidados de si, espaços que produzam experiências e modos de criação com e na vida, que auxiliem no processo de subjetivação e conseqüentemente, de saúde.

Ao considerar a demanda de cuidado à saúde mental de jovens através da minha experiência em UBS, como relatado acima, sabe-se que o trabalho é efetivo também quando ocorre no território, em outras instituições e na comunidade. Por atuar fazendo oficinas de saúde mental na escola, uma das atribuições da psicologia neste contexto, utilizamos, eu e outra profissional, ferramentas artísticas pela primeira vez, para disparar discussões e junto com ela compreender determinados temas. Sem muito conhecimento e por falta de compreensão em como desenvolver essa prática, o tempo de exercício foi curto pois a pandemia por COVID-19 se iniciou logo após as oficinas, precisamos interrompê-las, diante disso me indaguei: como a arte pode contribuir para a produção de saúde de jovens? Essa é uma pergunta que este estudo

busca responder a partir de uma pesquisa qualitativa, de exploratória participante. Espera-se também, que este estudo contribua para a produção acadêmica e fortalecimento de saberes interdisciplinares, na interface saúde e arte.

A experiência e intercessores são conceitos que utilizo aqui para analisar e discutir sobre aquilo que se apresentou desde o início e que fez parte durante os encontros realizados desta pesquisa. Como instrumento de investigação utilizo diário de campo para registrar experiências singulares de Sobre.vivências, afetos e criações de si são tramas tecidas demonstradas aqui por meio de fotografias, poesias, músicas, histórias, pinturas, performances e colagem. A filosofia da diferença que me fez experimentar outros modos de ver a vida, colocando-me no lugar presente, fluido, de fruição, íntimo, de transbordamento e transgressão e de interlocução com a narrativa de vida e aprendizados com a co-autora deste trabalho, que me permitiu sair do lugar engessado enquanto pesquisadora e profissional e percorrer movimentos, dobras e bordas.

Como desdobramento deste trabalho criei a obra “Refluxo”(2), um vídeo que foi produzido como ponto de partida e ponto final deste estudo. Este é um reflexo e representação dessas experiências e sensações considerado como Produto Educacional (Apêndice A) que pode ser utilizado em ambientes de intersetoriais, em rodas de conversas e oficinas com o objetivo de disparar questões acerca da saúde mental e da articulação com a arte.

A alegria e o prazer também foram importantes para manter esta jornada. Questionamentos, dúvidas, indagações, mudanças na escrita, no pesquisar deram corpo a este trabalho, a rachar com a rigidez acadêmica, romper com a forma reconhecida e cristalizada de produção de conhecimento branca e uma única escrita normativa.

Lanço os nós para que as tramas se emaranhem, costurando modos de cuidar e de produzir afetos a partir da pesquisa e deixando fios soltos para que caibam dúvidas a fim de prosseguir inventando outros jeitos singulares de práticas. Afinal, “arte não se sabe, se faz pra saber.” (3, p. 28).

Uma pista para leitura: estar aberto para se deixar afetar pelo que foi produzido, costurado, inventado e aquilo que pode surgir.

2 JUVENTUDES

A juventude é marcada por diferentes variáveis que estão imbricadas nesse período, considerando as realidades e os meios nos quais vivem os sujeitos. Essa fase, por vezes, costuma ser mais percebida pela faixa etária, para a OMS, jovens entre 15 a 29 anos (4), para o Estatuto da Juventude, jovens entre 15 e 29 anos (5). No entanto, tomo como ponto de partida a juventude não apenas por faixa etária, uma fase da vida, mas sim as múltiplas experiências, os fatores variados que abarcam esse momento, como psicológicos, sociais, econômicos, culturais; questões que atravessam as vivências e percepções da autoimagem; inserção em grupos; o contexto familiar; preocupações referentes à entrada ou não no mercado de trabalho e profissões entre outras, que é singular a cada sujeito (6). Destaco ainda as condições de vida, escolaridade, a intersecção raça/etnia, classe social, orientação sexual e gênero, tendo em vista a heterogeneidade que se apresenta neste público.

León (7) aborda que a juventude é uma construção social assim como as outras etapas da vida, infância, adultez e velhice, que impregnam o imaginário social e formam definições que se modificam ao longo do tempo. Ainda, destaca o processo psicossocial e os diferentes contextos em que os jovens vivem e se relacionam, com a forma de compreender e vivenciar a juventude. Assim, o recorte de faixa etária, embora seja o mais geral para delimitar as políticas públicas, é insuficiente e tende a homogeneizar o grupo, sem levar em consideração as realidades plurais e a significação desse processo que é vivido de forma particular. Por exemplo, os casos de jovens que residem na zona rural serão diferentes dos que moram na periferia e em bairros nobres da cidade.

Salientar e ampliar a visão para as questões sociais, raça/etnia e classe social é considerar as desigualdades sociais e econômicas existentes em nosso país até os dias atuais. Contudo, os/as jovens não eram vistos como cidadãos autônomos, não havia uma Política e Lei de garantia de direitos direcionada para o público maior de 18 anos. Eis um desafio que necessitou ser enfrentado.

Abramo (8) salienta uma visão comum de juventude desde a década de 70 e que até os dias atuais ainda é mantida de alguma forma, a qual se refere a juventude como um período de preparação para a vida adulta, assim a educação era o foco e logo, era necessário a inserção no ambiente de ensino (8). Aqui, aparece um ponto problemático, a população que não estava inserida na escola era considerada também como jovem? Aqueles/as que por necessidades econômicas começam a trabalhar desde muito cedo, são considerados/as como jovem? Nesta

visão acima, vemos que as desigualdades sociais não foram incluídas neste debate, o normal para a sociedade seria se integrar a uma educação básica e, posteriormente, superior.

Bento e Beghin (9) salientam que a escola não leva em conta as desigualdades raciais, e, com isso, o índice de analfabetismo, desemprego e evasão escolar são altos entre a população negra, assim como o salário no mercado são baixos (9). Diante deste cenário, acontecem mobilizações sociais para o reconhecimento de jovens maiores de 18 anos, até então não contemplados como sujeito de direito, cidadãos.

A partir da década de 90, diante da crise econômica, houve o aumento de desemprego, uso frequente de substâncias psicoativas, homicídios, transgressões às leis, gravidez precoce, sendo este público o alvo de preocupação, essa fase colocada como um período problemático, é uma outra concepção que está engendra no imaginário social até os dias de hoje. No âmbito da saúde, houve a criação do PROSAD (Programa de Saúde ao Adolescente) um dos marcos na construção da Política de Saúde, a ser criada mais tarde, o que possibilitou a discussão sobre a temática, o reconhecimento do sujeito adolescente e jovem e suas demandas. Vale ressaltar que eram destinadas para pessoas com até 19 anos (10), com ações de saúde focadas mais na educação sexual e reprodutiva, drogadição, HIV e AIDS (10).

Esse programa foi iniciado em 1989, no entanto, antes mesmo da sua criação já haviam preocupações direcionadas para saúde de adolescentes e jovens desde a década de 80, em que ONGS e movimentos civis lutavam em defesa da política de saúde e por uma concepção social ampliada acerca da adolescência e da juventude (10).

Segundo Helena Abramo (8), ONGS e empresas privadas tentaram responder a essa demanda social apoiando financiamentos de programas para educação, ações de saúde, auxiliando no combate à pobreza, a inserção dos jovens como voluntários em projetos, tomando-os como responsabilidade social. A juventude não era considerada entre os partidos políticos, nem como ator participativo na construção de políticas e da cidadania. Assim, grupos juvenis continuaram se formando e se articulando através da cultura, lazer, esporte, entre outros, com movimentos sociais para reivindicar espaços e participação social, desenvolvendo diálogos com poderes públicos e outras organizações que ao longo do tempo foi ampliando as perspectivas para a juventude.

A cultura e a arte foram um dos principais motores para esse enfrentamento,

grupos culturais como os que se articulam em torno do Hip Hop (com seus vários eixos de ação, o rap, o grafite e o break), que fizeram ver (e ouvir) ao país as tensões, contradições, aspirações e reclamos dos jovens negros e pobres moradores das periferias das grandes metrópoles, e geraram processos de identificação com milhares de jovens em situação semelhante (...) vários outros grupos culturais, como os de reaggae, maracatu, rock, punk; grupos de

capoeira, teatro, poesia, rádios comunitárias; grupos que se articulam em torno de esportes radicais, como o skate; grupos de atuação comunitária, de solidariedade ou lazer. (7, p. 27).

A partir dos anos 2000, diálogos entre poderes públicos e juventude vão se desenhando para a construção de políticas públicas, essa temática se desdobrou em pautas cada vez mais estudadas e elencadas como necessárias (8). O contexto histórico e político favoreceu para o debate dialógico, as leis regulamentadas foram construídas e aprovadas sob os mandatos de Lula e Dilma Rousseff. Em 2005, a construção da política pública foi iniciada tendo como passos importantes a criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem) e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) (8). Como marcos históricos temos a 1ª Conferência Nacional de Juventude, realizada em 2008, que pautou a participação social, democracia, ênfase na elaboração de políticas públicas, inclusão de jovens com deficiência, entre outras questões; a Lei Nº 11.129/2005, que regulamenta o Sindicato Nacional da Juventude, o Conjuve e instituiu em Lei o Projovem (5); as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (11); o Estatuto da Juventude Lei 12.852/2013 (12).

O Estatuto da Juventude dispõe sobre diretrizes e princípios da política pública, objetivos de Conselho de Juventude, entre outras providências e regulamenta direitos dos/das jovens, como: direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; Direito a educação; à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda; à Diversidade e à Igualdade; à Saúde; à cultura; Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; Direito ao Desporto e ao Lazer; Direito ao Território e à Mobilidade; Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente e Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça (12). Considera-se que, embora o Estatuto pautar tais direitos, na prática, o sistema apresenta dificuldade em assegurar tais direitos.

As mobilizações sociais têm sido importantes tanto para enfatizar os direitos dos jovens e o dever do Estado nesse cumprimento, quanto para romper com a visão homogênea de jovens. Tais direitos colocados, mais especificamente direito a Saúde e a Cultura, e as Leis Orgânicas de Saúde, Lei Nº 8.080/1990 (13) e Lei Nº 8.142/1990 foram e continuam sendo essenciais para ofertar o cuidado e atenção à saúde pra essa população. As ações regulamentadas no Sistema Único de Saúde e com a cartilha de Diretrizes para Atenção à saúde de Adolescentes e Jovens criada pelo Ministério da Saúde (11), que traz uma perspectiva ampliada, ressaltando a equidade, promoção à saúde, diversidade, participação social, projeto de vida, questões de raça e etnia, direitos sexuais e outros. Nela, salienta-se

a importância da promoção à saúde na produção de saúde de adolescentes e de jovens, enfatiza-se a necessidade de estabelecer processos de intervenção intersetoriais e

interdisciplinares, de ampliação e diversificação das práticas sanitárias, de mudanças na gestão e no trabalho das equipes de saúde para a construção complementar e de intercâmbio entre esses dois campos da atenção à saúde. (11, p. 75).

A interface Arte e Saúde segue em consonância com as leis do SUS, a Política de Atenção à saúde de jovens e o Estatuto da Juventude, tendo como base alguns objetivos salientados nas Diretrizes de cuidado. Almejo articular a rede intersetorial para contribuir na construção do cuidado de jovens e “valorizar a capacidade criativa, mediante o desenvolvimento de programas e projetos culturais” (11) sob uma perspectiva decolonialidade de prática que contemple atravessamentos de raça, classe, gênero e sexualidade.

3 ARTE, EXPERIÊNCIA E VIDA - CARTOGRAFIAS DE SI

Temos a arte para não morrer da verdade.
Friedrich Nietzsche

Diante da minha experiência com os recursos artísticos e expressivos percebi a potência que existe no processo vivencial e experiencial, no qual a subjetividade, o afeto e a autonomia ganham materialidade e contornos.

Muito curiosa por saber como criar encontros que suscitem a experiência com a arte e em articulação com as questões sociais que nos atravessam, para abordar tal “(des)objeto” entendendo pela poesia de Manoel de Barros (14) como o objeto que ganha outra forma, onde o pente olhado pelo menino se transforma em parte da natureza e compreendendo que essa pesquisa foi de objeto para desobjeto na medida em que fui transformando-a e incorporando a mim, foi necessário fazer uma viagem para conhecer algumas/alguns autoras/atores e neste caminho, como viajante, fui traçando no mapa trajetos que me levaram a voltar para mim mesma para vivenciar a experiência.

Assim, esse mapeamento (Figura 3.1) foi feito antes de embarcar na viagem e outros tracei no caminho. Como viajante, foi preciso organizar a mochila e colocar nela alguns pressupostos básicos, referenciais teóricos, oficinas e cursos realizados, vivências e deixando espaço para adquirir novos utensílios durante o percurso. Desta forma, a experiência se inicia comigo, a partir da escrita de si, onde é possível retomar a própria história, recontá-la, resignificá-la, até alcançar a participante e conhecer as suas histórias. Esta costura ao qual nomeio este capítulo foi possível a partir do processo de criação que representou uma experiência, a qual fez marca no corpo e com isso que trago vestígios, pistas, pois sem isto a experiência não seria vivida.

Figura 3.2 - SobreVivências



Fonte: Arquivo pessoal
Fotografia: Cariele Souza

A experiência é entendida por Bondía (15) como aquela que tem dimensão afetiva, vivencial, definida como aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca e ao nos passar nos forma e nos transforma” (p. 18). Cada uma/um vive uma vida singular, de picos e não linearidade, é uma rota que não sabemos onde vai dar e que somos interrompidos constantemente, com ininterruptas paradas. Neste sentido, cada um/uma passará pela experiência de forma particular, com aquilo que é possível fazer, para Dewey “a vida não é uma marcha ininterrupta, uniforme. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para o seu fim, cada qual no seu ritmo particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que perpassa por inteiro.” (16, p. 110).

Considerando as potências de cada sujeito no seu processo de invenção da vida, o produto “final”, a obra, não é em si o ponto principal para esse estudo, o objetivo foi perceber o que se faz diante desse processo, que foi nomeado e compreendido como uma experiência. A arte como experiência para pensar a vida nas tentativas, nas reflexões e introspecção, nos movimentos, onde também é possível se des.envolver, des.cobrir e conhecer,

Criar ou ser criativo nada mais é do que mergulhar nas profundezas de nosso próprio ser, de onde emergem realidades que nos desafiam e desafiam nossas próprias realidades; é para nos dar a oportunidade de descansar a rotina para enfrentar o fato de deixar que o imaginário fale a favor da nossa própria subjetividade. [Tradução nossa]. (17, p. 450).

Vivências, movimentos, descobertas, re-encontros, um retorno àquilo que é nosso, que compartilhamos e fazemos uso ao longo da vida, os chamados “patrimônios da humanidade” (18, p. 118), como a música, a dança, a escrita, os diferentes tipos de artes que permeiam a nossa vida que em diálogo com o tempo atual pode-se fazer com ela um meio de desconstrução social, de ir de assujeitado para sujeito, de fazer enfrentamentos que busquem o rompimento de sistemas que insistem em se apoderar dos corpos e discipliná-los. A criação e o viver se conectam (19) fazem parte da subjetividade e esta é construída socialmente, em contato com o outro/a, e é por isso que há a necessidade de levar em conta o contexto social no qual se vive e como determinadas pessoas vivem. Ou seja, para desconstruir uma noção de sociedade é preciso compreendê-la como ela se dá e buscar práticas contra hegemônicas em prol de um mundo possível de viver bem.

Em Pedagogias Decoloniais (20), através das práticas de educação libertadora, decolonial e emancipatória, pode-se apontar problematizações de cunho social, político e subjetivo. Bem como possíveis articulações entre o indivíduo e a sociedade, a construção de mundo que muda a cada geração e o que é colocado como proposta ou imposto para a cidadania. José Souza de Silva (21) aborda que em nossa sociedade a preocupação está voltada mais para o desenvolvimento e civilização do que com os modos de vida que contemplem o viver bem. O que nos faz refletir e questionar se este modelo contempla a todas/os. Inclui pessoas que estão “à margem” da sociedade, ditas “minorias” que são pessoas racializadas, povos indígenas, LGBTQIAP+, pessoas com deficiências, que sofrem com a injustiça social de nosso sistema que reproduz e cria múltiplas injustiças, violências, exploração para obtenção de interesses próprios, do capital? Enquanto cidadãos, questionamos o que é imposto e quais as implicações disso em nossa vida? Nessa direção da dominação, opressão, silenciamento que pessoas subalternas não têm a possibilidade de viver bem, com acesso aos direitos, tempo, afetos, saúde, produzir outros modos de vida e de subjetividade, pois são corpos marcados cotidianamente por violências, machismo, feminicídio, genocídio e, muito embora tenham tantas potências, as feridas abertas impedem de experienciar as potencialidades.

As práticas de pedagogia decolonial traz à tona questionamentos necessários na direção de construir uma política da existência que contemple todas/os/es, mais do que um país desenvolvido, é buscar alternativas para viver desenvolvendo novos/outros mundos de vida, desejos, encontros, afetos e não apenas sobrevivências de qualquer modo. “Diferentes “mundos” são possíveis, mas apenas um mundo biocêntrico e espiritual é relevante para a vida humana e não humana. Nisso, o fim não é "ser desenvolvido", mas "ser feliz" com modos de vida sustentáveis." [Tradução nossa]. (21, p. 477).

Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzi, em seu trabalho artístico, apresentam performances, nas quais inserem críticas a respeito da colonialidade, do corpo branco e patriarcal, que são dominantes. Em “Cartas a leitoras pretas” mencionam:

Gostaríamos de iniciar pensando a destruição do mundo como conhecemos como uma forma de cuidado. Gostaríamos de iniciar pela descolonização da matéria colonizada. Gostaríamos de iniciar com uma espada a cortar o mundo-ferida. Gostaríamos de iniciar com uma convulsão na gramática. Gostaríamos de iniciar com um acidente na percepção. (22, p. 17).

As figuras 3.3 e 3.4 seguem na intenção de subverter padrões brancos colocados como ideais, “o melhor jeito, a melhor estética”, faço do meu corpo indisciplinado e desobediente a este sistema que opera de forma estrutural. Em meio a tal processo de reconhecimento do mundo, das organizações, do sofrimento social, me vejo impelida a fazer algo com esse conhecimento que não está acabado. Nesses experimentos, vou escutando meu corpo que sempre diz que quer alçar voos, ser decolonial, já que a modernidade coloniza não só territórios, a vida, mas também o ser. Neste sentido, o controle dos corpos, a apropriação, rouba de nós aquilo que é nosso, impedindo de vivenciar a subjetividade do jeito que queremos, falar o que queremos, rouba do subalterno sonhos, perspectivas, futuro, já que o perigo se mostra presente a cada dia.

Figura 3.3 - Corte no sistema



Fonte: Arquivo pessoal, 2021
Fotografia: Cariele Souza

Figura 3.4- Subversão dos padrões de beleza ³

Fonte: Arquivo pessoal, 2021
Fotografia: Cariele Souza

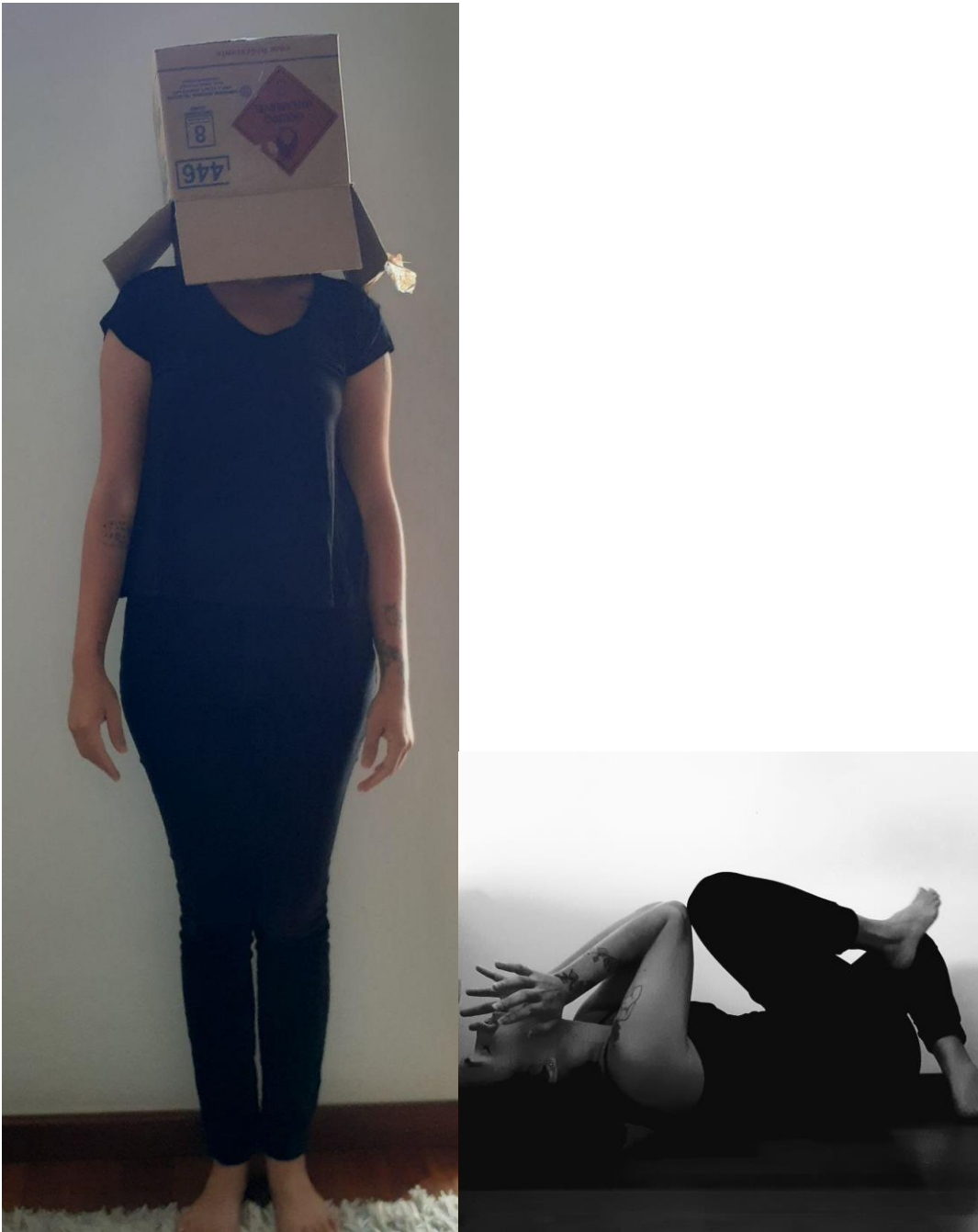
Por decolonialidade entende-se reconhecer outras histórias, crenças, outros povos que sempre estiveram aqui, mas que a colonização segregou, subalternizou, impondo normas, pensamento, governando ações e emoções, a vida. É a superação de uma ideologia denominada como certa, o único viés constituído como vigente que é o branco, cisnormativo, eficiente. Para Souza (21, p. 476), “o processo de superação e transcendência da colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza, essencial para a construção de um outro mundo relevante.” [Tradução nossa].

Não é à toa que a epistemologia, a ciência, a inteligência, “o ser bom” advém da branquitude, fortalecendo a ideia europeia de “novo mundo” (21), mundo este em que o racismo é estrutural, sistema que funcionou e “deu certo”, no sentido de que, por anos, e até hoje ser branco ainda é o ideal, é onde se tem mérito.

Assim como todo ser humano carece e necessita formular, criar coisas (19), sendo o ato criador inseparável do contexto social e cultural, as percepções, reflexões, a arte e a política caminham juntas, por meio delas também se transmite a realidade, posicionamento, e é nesta direção que as produções apresentadas aqui engendram na contraposição do mundo desenvolvido para um mundo do viver bem, do eficiente ao deficiente, das minorias as maiorias, do branco ao não-branco.

³ Fotografia utilizada em um dos encontros sobre descolonização.

Crescemos aprendendo costumes, rituais, regras e o embranquecimento colocado como o ideal. Nascida em uma família racializada, conservadora, eu, mulher parda, LGBTQIAP+ reproduzi alguns ritos até o momento em que, ao me colocar em determinados espaços, me questioneei sobre a minha identidade e racialidade. Foi neste caminho que me aproximei e me dei conta que a violência estava aqui, bem perto de mim, com os meus, com os outros e de certa forma, comigo. Quando adentrei nas discussões decoloniais, senti a necessidade de resgatar a história do Brasil, escutada por mim, e abri portas para aprender a verdadeira história brasileira, omitida por tanto tempo. E, de algum modo, fiz uma viagem no tempo a partir das narrativas da minha família, para escutar algumas histórias essenciais, para entender um pouco de onde eu vim. Com as leituras de artistas negras, indígenas, LGBTQIAP+, autoras negras e outros autores articulei pensamentos e, neste processo, abri caixas, desencaixei ideias, normas, utilizando do meu corpo atravessado pela doutrina, fiz deste e com estes atos criativos (Figura 3.5). Como a criação pode se entrelaçar com a decolonialidade do ser? O criar já é, em si, o novo e a decolonialidade busca não só superar o modelo colonial, incluindo a história de pessoas que foram negligenciadas, apagadas, isto é, populações negras e indígenas, como uma quebra no sistema que tem uma normatividade e colonialidade que impera.

Figura 3.5 - Da gaiola para o voo⁴

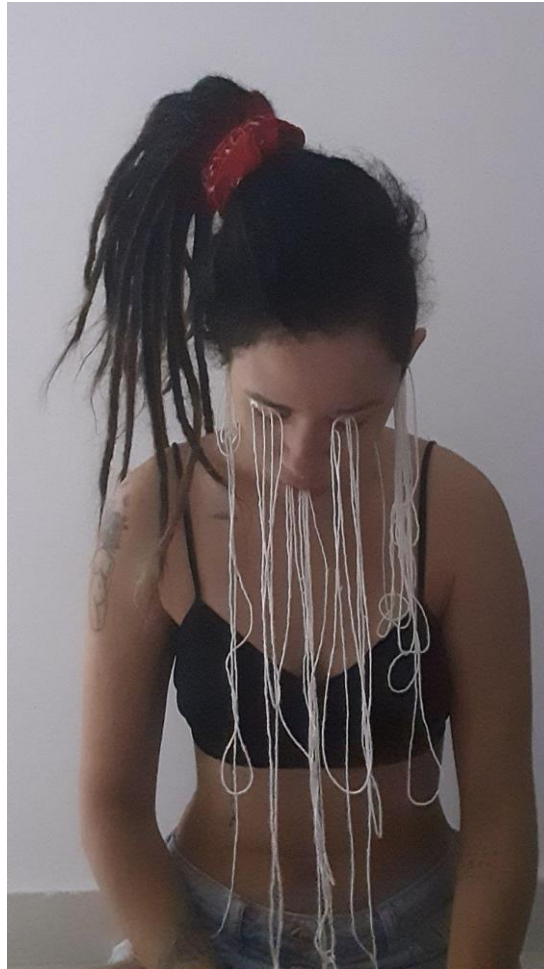
Fonte: Arquivo pessoal (2021)
Fotografia: Cariele Souza

Foi nesta trilha que realizei mais um rompimento (Figura 3.6) e esta ação por vezes sangra quando a pessoa é vista como um corpo errado. Dilaceram o peito as violências sofridas por nós, LGBTQIAP+, cada um/uma ao seu modo, de um jeito particular, mas todos os dias a sociedade insiste em dizer que não somos bem-vindes, por olhares, por palavras, por ações, por genocídio, assédio, objetificação, feminicídio. O processo criativo então se deu por vivências e

⁴ Fotografia utilizada em um dos encontros sobre descolonização.

intuição. Na busca de dar significação, foi possível canalizar e formar. Neste processo podemos dizer que as projeções internas aparecem e com elas a percepção de si mesmo torna-se consciente, sendo capaz de transformar a si e o mundo (19).

Figura 3.6 - Desencaixada



Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Fotografia: Cariele Souza

Para Fayga, a sensibilidade como a abertura para sentir o mundo, as sensações e a percepção como a “elaboração mental” (19) estão presentes no ato de criar e com isso somos afetados pelo mundo, apreendemos e compreendemos não só o externo como o interno, consciência e inconsciente, e a partir da conscientização ordena-se interesses, sentimentos, desejos, necessidades. É através da percepção que podemos questionar, interrogar a si e a cultura. Assim é um processo mútuo, “a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós.” (19, p. 12). Assim, a arte se insere aqui como um suporte para decolonizar estruturas, dialetizar e criar novas ideias, novos conceitos, narrativas de vida e produção de saúde.

3.1 Intercessores

A filosofia da diferença evidenciada por Gilles Deleuze é entendida como a criação de conceitos, embora não se reduza a apenas isso, diz “o filósofo é criador, ele não é reflexivo” (23, p. 152), forma ideias e estas permitem a inquietação de não se contentar apenas com uma, como aquilo que está dado. Em seu texto sobre a Filosofia os seus trabalhos de construção de conceitos com Félix Guatarri, a cadência na construção de várias obras (24) demonstra que o conceito é aquilo que opera criando novos conceitos e isso integra dois pontos: perceptos e afectos. Por perceptos entende-se como “pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro).” (23, p.171). Pode-se dizer que perceptos é aquilo que permanece da experiência, essas sensações junto com os afectos ocasionam desdobramentos, mudança.

Podemos pensar em modos de produção de vida a partir do pensamento do autor, sendo a noção de diferença o basilar, provocando outros e diferentes modos de existir e de perceber a vida, esta como rota instável, mutável, indefinida. É por essa imanência que se dão diferentes acontecimentos e isso faz construir uma noção de sujeito que não está fixo, pronto, finalizado.

A diferença é que nos compõe e nos cria, nos forma e nos transforma. A identidade, por exemplo, é algo que é colocado como aquilo que define uma pessoa e essas são dadas por rótulos como se isso fosse a essência, cristalizada do ser. No entanto, somos constituídos por adições, que podem ser removidas ou não, nossa identidade não está concluída. Compreender que não somos uma única coisa, somos múltiplos e impermanentes.

A diferença é radical no conceito de Deleuze justamente por ela romper com modelos ideais, de onde se deve alcançar, ela é tida como possibilidade de outro mundo, que favorece o mundo de movimentos, mudanças, devires, pois o que nos mantém e o que nos compõe é isto, os acontecimentos do tempo “antes eu não faria isso e agora faço”, as experiências. O que é da ordem do acontecimento já é um fenômeno e articulando com Bondía e Dewey, é uma experiência. Isto possibilita a expansão de pensamentos e práticas e nessa lógica um conceito importante para este trabalho, que está colocado aqui de uma forma mais prática do que teórica (nos encontros), é a ideia de intercessores trazida por Deleuze em seu texto sobre a Filosofia. Embora não apresente um conceito direto e explícito de intercessores “a criação é os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas (...) mas também coisas, plantas, até animais(...) Fictícios ou reais, animados ou inanimados é preciso fabricar seus próprios

intercessores (...).” (23, p. 160).

Entendo como intercessores como um suporte, aquilo que nos possibilita criar, dar forma, não se cria do nada, há em uma “série” (23, p. 160), há um percurso criativo e vivencial que culmina em mais criações com a vida, que permite tecer e desenvolver ideias e mais ideias novas que levem a impulsionamentos e movimentos. São os intercessores que agregam a vida ter uma pontinha a mais de algo novo, a inventar um pouco de possibilidade em meio ao impossível. Como a música de Raul Seixas “eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (25), inventar práticas insurgentes, que fazem ressonâncias. Esta noção mobiliza pensamentos, impulsionam deslocamentos, do pensar ao criar. Por isso, é preciso fabricá-los, fabular ideias, encontros potentes para arriscar-se na vida.

Os autores, os recursos artísticos, o modo de pesquisa, apresentam pontos que se inter cruzam com a Filosofia da diferença que dialogam com práticas de cuidado a partir das Pedagogias Decoloniais. Autores latino-americanos, artistas brasileiros negros, e outros autores, utilizo como referência para fazer tessituras possíveis rumo à invenção de outra metodologia de pesquisa e práticas de produção de vida. O decolonial e a filosofia da diferença atravessam e sustentam este trabalho, pois se direcionam para devires que buscam privilegiar outros pensamentos, fazeres, autores, estéticas para produzir algo, alterar o sistema, a vida.

E nesta direção de movimentação, o corpo é presente neste trabalho, sensível, potente, o corpo-mundo, corpo-político, corpo poético desobediente em habitar espaços, em dialetizar o dentro e o fora, se presentifica, verbaliza, expressa, manifesta, grita, resiste, vive, existe. Todos esses verbos que fazem estremecer as estruturas coloniais, que desafia e mostra ousadia, é com este que faço de mim um corpo desorganizado, indisciplinado, que se opõe ao discurso opressor com o auxílio dos intercessores. Transgredir o estado mórbido para deslocar-se, este corpo propõe-se a gerar... incômodos, movimentos (Figura 3.7), passagem, atravessamentos, subjetividade, vida e afeto. A pulsão é fonte vital que deseja, fluir, transmutar, produzir desejo.

Na tentativa de subversão política-epistemo-ideológica a arte se apresenta também como um respiro, “um pouco de possível senão eu sufoco” (26, p. 131), fazendo do ato criador um cuidado de si (27), onde há circuitos de afetos, potencialidades, fluxo, riscos, linhas e traços que fazem parte da composição da vida, que alça o protagonismo e emancipação, práticas libertadoras e transmutável.

Figura 3.7 - Pintura



Fonte: Arquivo pessoal
Autoria: Cariele Souza

É em busca desse resgate do sujeito consigo e com seus processos de criatividade, do encontro com o outro, que pensamos a arte como experiência como potência criadora de vida. De modo a pensar o significado do corpo e, portanto, de si, diante do mundo, diante das relações, nos convida a refletir o que isso produz em nós.

Entende-se a arte como lugar de revolução, de desconstrução,

Talvez possamos pensar que na diversidade de pensamentos, opções de vida, diferentes modos de fazer, sentir, agir e pensar no mundo contemporâneo, a arte vai se constituindo em comunidades e sujeitos étnicos em um ato decolonial que desafia, repreende e coloca em questionar as narrativas de exclusão e marginalização. [Tradução nossa]. (17, p. 452).

Deleuze e outros teóricos, como por exemplo Lélia Gonzalez, Fanon, já colocavam a necessidade de transpor este sistema que considera modos de pensar em detrimento de outros, a fim de criar modos de existências, de mundo, de si onde a população excluída e submetida às opressões possam fazer parte desta construção, sendo seus próprios protagonistas. A articulação feita aqui se apresenta também como uma reflexão que contemple práxis e uma filosofia latino-americana a partir da nossa realidade, da nossa história. Assim, o aporte teórico é, em sua maioria, composto por produções latino-americanas como apoio para invenções.

4 PROPOSIÇÃO

Este estudo parte da minha necessidade de criar e inventar modos de práticas em saúde contrahegemônicas que extrapolem os muros das instituições de saúde. Esta busca ocorreu no período em que adentrei à escola como profissional da Atenção Básica de Saúde para realizar ações de saúde mental com adolescentes e jovens. Ao utilizar ferramentas artísticas para discussões temáticas de saúde mental, ressurgiu o desejo por tecer diálogos na interface arte e saúde com vistas a produção de modos de vida com jovens sob a perspectiva da decolonialidade, contemplando o olhar para si e para a história de vida, assim como o cuidado, a autonomia e protagonismo. Quanto mais desenvolvermos outros modos de fazeres, mais pessoas jovens serão alcançadas e mais acessibilidade terá para o cuidado à saúde.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender como a arte pode contribuir para a produção de saúde de jovens por meio de narrativas a respeito da saúde e da vida, estimulando o pensamento crítico e as suas potencialidades.

A partir disso, o projeto SobreVivências foi criado com este propósito, a fim de mapear recursos artísticos para serem experimentados juntos, analisar o percurso relativo ao processo criativo e sua relação com a experiência e contribuir com estudos sobre esta interface, tendo como foco o desenvolvimento de práticas que possam ser utilizadas em redes intersetoriais, como a universidade, escola, instituições culturais e até mesmo em casa, na modalidade online, e articulação e fortalecimento de saberes e práticas interdisciplinares.

5 METODOLOGIA: TRAJETOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratória e participante. Esse tipo de pesquisa possibilitou encarar o percurso enquanto um processo que foi construído ao longo dos encontros, o que não significa que seja sem direcionamento, mas não é apenas intervenção e sim um trajeto de experiência, que requer acompanhar e vivenciar o processo, isto é, a caminhada e essa mesma vai dando pistas, que ao fazer se produz um saber (28). De produção científica à produção de vida, sem seguir os moldes e protocolos do que se espera, apresento um outro olhar e modo de fazer uma pesquisa, que atravessou vários dilemas, negativas, na qual encontrei um jeito próprio de conduzir e articulado com a participante de fazer e produzir modos de vida e de saúde.

5.1 População e Local

O campo escolhido a priori foi o Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi do município de Suzano. Devido à minha atuação profissional ter sido no município no ano de 2020, sendo o Centro uma das referências da rede intersetorial. Suzano está localizado na Região Metropolitana de São Paulo, com 300.559 habitantes (29), com predominância de adultos jovens.

O Centro, durante os anos de 2020 a 2021, adaptou algumas atividades para a modalidade *online*. Em 2022, algumas atividades começaram a retornar presencialmente, mas por estarmos ainda em pandemia, optei por manter a pesquisa no formato remoto com jovens a partir de 18 anos, com o único critério de ter acesso à internet.

5.2 Processo

Após aprovação pelo Comitê de Ética da FOU SP (Anexo A), foi realizada a divulgação do cartaz (Apêndice B) para inscrição no grupo na rede social da pesquisadora. 5 pessoas se inscreveram, porém 1 participou dos encontros. Os demais desistiram por motivos pessoais e outros não retornaram o email e mensagem enviada. Após o preenchimento do formulário de inscrição (Apêndice C), do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) e do Termo sobre Autorização de Imagem e Som (Apêndice D, sessão 2) através do formulário, a obtenção do consentimento se deu através do “Clique em concordo”. Enviei por email as

informações sobre os encontros e link do Google Meet, link criado por mim. Os termos foram preenchidos de forma voluntária, sendo possível a participante arquivar uma via do termo respondida e a outra via arquivada no meu equipamento eletrônico.

Desta forma, a pesquisa passou por uma mudança: a quantidade de participantes que não alcançou o que havia sugerido a princípio, até 8. Assim, o que poderia ter sido um grupo, se tornou uma dupla, uma participante externa e eu, enquanto pesquisadora participante. Deparei-me com uma pergunta no começo da coleta: O que eu faço diante do que se apresenta?

Tentativas de atingir mais públicos foram feitas, mas sem sucesso. Hipoteticamente, podemos considerar o pouco acesso do post nas mídias sociais, a explicação precária do que seriam os encontros, a modalidade online dentro de um contexto em que a maioria das atividades já tinha retornado ao presencial e a falta de veiculação do post pelo Centro.

O projeto ocorreu de forma independente, mas com parcerias. Por ser uma pesquisa online, seguiu as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, da CONEP, de 24/02/2021 (30,31).

Foram realizados 9 encontros, com duração de 1h e 30 minutos. Não seguia um roteiro fechado, estava aberta ao que poderia ocorrer e, de certa forma, ser conduzida também pelo processo, tendo como princípio norteador de que a imagem da pesquisadora não é neutra, é responsável, comprometida, mas também participativa, o que demanda um lugar de implicação e mergulho na experiência. A cada encontro, um encontro singular. Assim, o primeiro ponto que gostaria de destacar é a escuta que ocorre durante todo o processo, perpassa desde o acolhimento, momento inicial até o final deste.

O acolhimento inicial foi feito no primeiro momento, no intuito de criar vínculo, conhecer a participante e identificar a demanda para ser trabalhada ao longo dos encontros. Dividimos os encontros em dois momentos:

1-Vivências práticas (corporais, relaxamento) e compartilhamento de sensações e vivências, e apresentação da produção de registro poético

2- Momento de apresentação e discussão de um tema (proposto por mim e outros pela participante), utilizando também recursos artísticos. Para alinhar, apresentava referências que pudessem trazer reflexões e questionamentos. Dessa forma, um ponto chave dos encontros, além da escuta, foi também os questionamentos que foram sendo articulados, questões sobre si, sobre a vida, sobre a sociedade etc.

A proposta do registro poético se deu a partir do segundo encontro, a ser apresentada no encontro seguinte articulando ao tema que havia sido discutido. O registro era livre, a critério de cada uma para utilizar diferentes linguagens artísticas.

Em alguns momentos um espaço mais de escuta e de acolhimento do que de reflexão de tema parecia mais sugestível. Nestes momentos, adaptava o tema a partir do que surgia, na associação livre. Em outros, apresentava o tema sugerido por mim, mas as escolhas dos temas eram feitas de forma gradual e contínua, isto é, os encontros forneciam pistas de temas, um articulado com outro, a lógica que apareceu nos encontros foi de: onde estávamos e para onde íamos. Desde a timidez até o desbravamento.

Pesquisadora e “objeto” de pesquisa se tornaram duas participantes, sujeito ativo e protagonista do percurso.

6 PROJETO SOBREVIVÊNCIAS

Eu quero uma realidade inventada.
Clarice Lispector

Neste capítulo apresento os encontros realizados entre mim e a participante em forma de diário de campo, bem como nossas construções.

Nierika (Figura 6.1) representa este capítulo assim como os encontros, olhar para si, para o outro, para os nossos anteriores, reconhecer a nossa história e os desejos. Esse instante de ver também é o da análise da experiência que está imbricada no discorrer das narrativas, isto é, a partir do compartilhamento das vivências utilizo a minha análise sobre o ocorrido. O trajeto da pesquisa e como essa se transformou em experiência no sentido de marcas, significados, percepções, representações e criações, é o que possibilita a análise a partir das tessituras e das produções criadas, os registros poéticos.

Figura 6.1 - Tabla Nierika⁵



Fonte: Museu de Antropologia da Cidade do México.

⁵ Obra anônima pré-hispânica lida como cosmovisão mesoamericana. Nierika significa “dom de ver”, faz referência a um instrumento para ver. O que é alusivo à visão dos deuses ancestrais.

1º encontro - Apresentação

No primeiro encontro do projeto tivemos alguns desafios tecnológicos, o que acabou provocando uma demora para começarmos, eis o desafio do trabalho online, e que distancia o outro, que coloca grandes corpos em pequenas telas, mas que nos mobiliza para inventividades e construção de laços. Um percurso novo se inicia com uma integrante. As pessoas anteriormente tinham confirmado sua presença, mas no dia seguinte não foram.

Iniciamos o encontro com a música de Emicida, “AmarElo” (32) que traduz um pouco o projeto ao qual nomeei como “SobreVivências”. Brincando com a palavra, um trocadilho, sobrevivência no sentido literal do termo e sobre vivências da vida, o projeto se trata disso, assim como a vida é composta.

Me apresentei e apresentei a pesquisa, utilizando o recurso do slide para a participante compreender melhor o projeto e fizemos o acordo e o contrAto. Chamei de ContrAto por ser mesmo um ato estar ali disponível, Ato entendido como movimento, regras também existem para serem quebradas quando possível, e neste primeiro momento a regra de pontualidade já tinha sido quebrada, sendo assim um contra ato indisciplinar. Faz sentido abordar tal ideia como a quebra, seja ela de tabu, julgamentos, disciplinas, estruturas.

Começando a viagem, pergunto sobre ela e o que ela tinha trazido em sua bagagem para embarcarmos juntas. B. conta que é estudante do curso de graduação em uma universidade pública, amarela, de classe média, mas que ao ingressar percebeu mais fortemente que existem muitas pessoas de classe social alta, inimagináveis até então. B. tem 23 anos, tem um filho de 2 anos, é bissexual e talvez panssexual, a descobrir-se. Mora em SP, quer muito finalizar a sua graduação pois iniciou tem muito tempo.

Relata que teve o filho na pandemia, coloca em questão sobre o ser jovem, ela fala que às vezes o nosso cérebro não consegue acompanhar a nossa idade, então tem horas que ela aparenta ter mais e em outros momentos recorda que só tem 23 anos. Questiona também se essa idade está dentro de ser jovem.

O que a interessou pelo projeto foi o tema da pesquisa e por sentir a necessidade de encontros criativos, pois quando pequena gostava muito de dança, mas não teve muitas oportunidades e parou por julgamentos alheios. Ao longo do tempo, iniciou o teatro e parou, atualmente faz parte de um grupo que discute arte e saúde. Ainda, traz questões atuais da Universidade como: falta de representação de docentes e discentes negros, indígenas; a desigualdade por classe social; a saúde mental dos universitários e um fato importante é que ela é mãe e isso mudou muita coisa para ela e sobre o tempo dela. O que ela traz em sua mala são

muitas experiências, conhecimentos e curiosidades, pensamento crítico e espaços vazios para agregar novas coisas.

Introduzo uma pergunta parafraseando Deleuze a partir do pensamento de Foucault (26), “Um pouco de... senão eu sufoco”. Pergunto para a participante para completar: *Um pouco de...* e ela responde: *música, sol, árvore e afeto, arte senão eu sufoco*.

Com o intuito de vivenciarmos uma prática corporal, realizo perguntas: como está a nossa respiração? Como está o nosso corpo hoje? Cansado? Tenso? Aos poucos mexemos o corpo ao som de uma música instrumental, percebendo para onde o nosso corpo mexe, desenhamos o vento, mexemos os braços, as mãos, os ombros, deixando o corpo se mover e atentas à respiração. Após alguns minutos, sugiro que deixemos os nossos corpos pararem lentamente. Não paramos o corpo, ele para sozinho. Abrimos os olhos e conversamos.

B. relata que o seu corpo não se expandia e ela queria muito expandir seu movimento, mas o corpo só ia prá baixo. Fala que estava há muito tempo sem se mexer e que não tem muito espaço para isso. Relata a vontade de estar com outros presencialmente justamente para ter um tempo pra si, para esse corpo que quer se mover, mas por algum motivo não se move do jeito que ela espera.

Pergunto para B.: Então o que você deseja aqui desse projeto? Qual a sua expectativa? Ela responde: Viver o meu corpo. Assim, finalizamos com a frase em aberto para continuarmos no próximo encontro, com algumas perguntas norteadoras: Que corpo é esse de agora? Como era o corpo de antes? O que mudou? O que esse corpo quer?

A música escolhida representa não só as nossas sobrevivências diante da vida, diante da sociedade, de um caos pandêmico e de tantos retrocessos políticos, mas também a permissão

*“permita que eu fale,
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi...”*

O que nos leva a ir em outra direção, diante da nossa sobrevivência, cicatrizes, calos, cacos e feridas, quais outras vivências podemos narrar? Quais as potencialidades existentes? Como cartografar em nós outras saídas possíveis para produção de vida? É com a escuta, afeto e abertura para atravessamentos que podemos apostar na construção de respostas e/ou de mais questionamentos, perguntas abertas podem nos levar à continuidade da andança. A intenção é vivenciar o trajeto, sendo as respostas consequências, como pedras que podemos ou não encontrar no caminho.

Como um trabalho de cartógrafo, colocado pela autora Suely Rolnik, “os procedimentos deste tampouco importam, pois ele sabe que deve ‘inventá-los’ em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. (33, p. 66)”.

Escutar sobre a participante foi importante para começar a mapear trajetórias e meios possíveis de dialogar. O primeiro passo que considero importante é a aproximação e a sensibilidade entre a relação pesquisadora e participante. Trabalhar a horizontalidade na pesquisa assim como no cuidado com o outro, com ética e limites é um ponto a ser destacado neste estudo, foi o que possibilitou emergir falas profundas, sensíveis e transformadoras. Na história de vida da participante o corpo é uma questão, buscamos então não cair na lógica cartesiana mente-corpo. Com os questionamentos propostos a ideia seria então atravessá-los nos encontros, a fim de compreender que somos o próprio corpo, integrado, um só.

Também, explicar os objetivos da pesquisa, metodologia e discorrer brevemente sobre a pesquisa é importante para que o sujeito compreenda a proposta, questione e escolha prosseguir, desistir e até mesmo opinar.

2º encontro - Corpo des.território

Neste encontro, esperamos mais participantes para a composição de um grupo, mas não aconteceu. Reestabelecemos o contrato ajustando a continuidade comigo e com B. e de irmos pensando os encontros como um processo de criação. Utilizo algumas fotografias (Figuras 6.2 e 6.3) minhas como disparadoras de discussão.

Figura 6.2 - Remonta



Fonte: Arquivo pessoal
Pintura e colagem em tela: Cariele Souza

Figura 6.3 – Corpo e(in)scrito



Fonte: Arquivo pessoal
Fotografia: Cariele Souza

Abrimos espaço para explorar as experiências artísticas vividas resgatando o encontro anterior. B. relata uma experiência que teve com o teatro e como isso contribuiu para vivenciar processos de vida. B. coloca uma questão interessante sobre o julgamento dos outros e como o teatro auxiliou para dar passos via ao rompimento de olhares alheios, questão ainda em andamento, acrescentadas de outras como problemas com autoimagem, que faz resgatar a adolescência desta. Olhar-se no espelho era difícil, a crítica era presente e as roupas folgadas ajudavam a esconder o corpo. B. fala de uma dificuldade de colocar esse corpo no mundo, embora já esteja circulando no espaço.

Ao enxergar esse corpo vai percebendo como ele é e como tem sido sua caminhada de reconhecimento de si, até aqui. Entendendo que cada um é de um jeito e pode vir a ser de outros jeitos, processo longo e difícil. Compartilhamos experiências corporais e como o corpo está presente em nossa sociedade, os julgamentos, apontamentos e poder que é imposto e o quanto vamos nos moldando ao longo do tempo.

Neste tivemos a participação do filho da B. o que nos convoca para pensar os desafios das atividades online e como a maternidade também atravessa as dimensões do ser e estar no mundo e na percepção do corpo.

Questionado sobre estereótipos, palavras que um dia foram lançadas, B. aponta que já foi chamada por exemplo de “corpo de tábua”, esse julgamento, conforme a participante traz à tona a sua racialidade, pessoas amarelas são magras e sem bunda, sendo este visto como um

corpo inadequado e/ou fetichizado. Questionamos essas expressões e o quanto ela causa sofrimento.

Relembrando do teatro, B. traz que o teatro não só aborda sobre saúde mental, mas também retomou a ancestralidade, a alma, o que a fez se sentir revitalizada. E, assim, traz em sua narrativa a contribuição da arte para a saúde.

Finalizamos o encontro resgatando a pergunta de como o corpo sente. B. critica a divisão entre mente e corpo. Nesta semana, B. coloca o quanto estava cansada, com dores, se questionando se o que faz é do seu desejo. Sente que tem muita coisa acontecendo na sua vida e sem tempo para pensar. E na medida em que conversamos sobre o processo de criação desse corpo, levanto proposições: descobrir o corpo. A partir do que vemos e de como nos vemos no mundo, começaremos a pensar e entender o corpo como um processo, este ser que está no espaço desde pequeno até aqui. Como des.cobrir esse corpo território?

Reflexão: O que o corpo diz?

B. sugere fazer uma escrita. Como o corpo se movimenta ao longo do dia? Como um corpo (singular) com escoliose se movimenta? (B. tem escoliose, por isso um dos motivos das dores. Proponho observamos o corpo em movimento ao longo do dia e se possível registrarmos).

Somos atravessados pela linguagem e isso já é a relação de si com o mundo, de como somos afetadas, do que nos atravessa, nos impacta e nos des.faz ou nos refaz. Neste sentido, pensar eu-mundo e pensar em ações que levem a refletir eu-mundo, eu e o mundo, eu e o estar no mundo, nos leva a problematizar. Pensar a si mesmo, o corpo este que habita em espaços diversos, nos faz dar mais um passo para além de nós mesmos, no nosso contexto, uma via de mão dupla. Essa reflexão traz à tona padrões e normas ditos para serem seguidos, corpos disciplinados, no modo de vida a partir de doutrinamentos:

O que é ser “bárbaro”, “primitivo”, “índio”, “negro”, “subdesenvolvido” ou “oriental”? Com o apoio da religião, da ciência e da educação, a colonização cultural penetrou no mais íntimo reduto do ser e no espaço mais sagrado do espírito, tentando domar nossa vontade de mudar o mundo e até mesmo amputar a vontade de viver.[Tradução nossa]. (21, p. 487).

Corpo território, de que se trata? Território é moradia, habitação, lugar possível de ser dona, é também onde se faz laços e nós, onde se constrói, planta e colhe. No entanto, qual o corpo em que habitamos? O corpo que foi nomeado por outro e desapropriado? Como demolir o corpo para construir um próprio? Desterritorializar, desfazer-se da colonização para abrir passagem para um corpo-ser inventivo, criativo, diferenciado e empoderado.

3º encontro - Escrita do/para o corpo

Neste encontro, iniciamos o encontro com a música da Luedji Luna “Um corpo no mundo” (34):

“Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora

Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas

E palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici ,ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Je suis ici
E a palavra amor cadê?”

Luedji Luna

Escutamos e lemos a letra, abrimos para discussão sobre o que a música traz como tema e o que reverberou em cada uma de nós. Conversamos sobre a caminhada, o que vemos, como andamos.

Corremos para quê?

Como andamos na rua? Como andamos nas diferentes cidades, por exemplo?

O clipe da música acontece em São Paulo, assim, o perambular na cidade e eu por ter nascido e morado em outro estado, relato as minhas impressões das andanças em diferentes lugares.

Conto da minha experiência de andar em Salvador, e B. conta dela, aqui em São Paulo. B. aponta as andanças no metrô e o quanto a cidade é acelerada e como isso interfere no nosso modo de vida.

Fomos discutindo sobre o corpo que se movimenta e nas mudanças ocorridas no percurso. Quando B. faz a retrospectiva do corpo infantil até hoje se recorda das alterações que vivenciou e escolheu, como por exemplo, os diferentes cortes de cabelo que acompanham o seu modo de vida. Aqui encontramos um ponto em comum, o corte como representação simbólica que indica mudança e que é carregado também de críticas.

Fomos costurando histórias de padrões que ouvimos desde pequenas sobre ser mulher com características específicas, cabelo grande X cabelo curto, jeito “afeminado”, e o que rompe com essa lógica passa pelo critério de ser aceitável ou não socialmente.

O corte é simbólico, permite ressignificações e passagens que foram sendo feitas a partir dos cortes e da raspagem.

Se trata de se reconhecer no próprio rosto.

Mesmo quem está nos padrões sofre e refletimos que o mundo exigirá sempre algo a mais de nós. Falamos então de um corpo transgressor, romper com padrões de beleza, de roupa e tantas outras demandas.

Falar de corpo é falar de experiências. A maternidade, de acordo com a participante, marca o corpo, as estrias deixam rastros que contam uma história. Como assumir o corpo dito errado? Errado para quem?

Também aparece o corpo como morada, casa.

O retorno das atividades presenciais foi ressaltado, o corpo que é visto. Assim, falamos também sobre os diferentes corpos existentes, por exemplo, de pessoas com deficiência. Desde os 11 anos B. tem escoliose. Como se utilizar desse movimento que é próprio, seu? O que tem como potencialidade? Como esse corpo com escoliose se movimenta?

No terceiro momento, B. compartilha a sua escrita:

“Pode o corpo falar?”

*falo o tempo todo, fia
tu quem não escuta
ou esquece o que te contei*

*conto aliás
os dias
os minutos
pra quando vai olhar pra mim com carinho
sem julgar
sem chamar de feio*

*com a música
eu girei
espaneí as poeiras de peso das pernas*

*apenas fui o que sou
e não precisei de nada mais*

*você sentiu? você se sentiu? você sentiu que não há eu e você?
nem nós
só unidade
de muitos braços como as grandes mães*

*sentiu que eles e elas moram aqui?
não tem lugar pra achar senão este aqui que tu és
seu zé, pombogira, caboclo
ogunhê meu pai
todo mundo tá aqui
mas se tu não liberar o corpo físico
se ele não fluir
ninguém vai
eles não conseguem chegar perto assim
quer dizer, perto até chega
mas tu não vai girar que é o que ocê quer*

*chutar
empurrar*

abre espaço que eu quero ser corpo

*o entorno é muito pequeno
pra grandeza que sou*

*tem que ter medo de falar isso não
é verdade e você sabe (eu sei)
pra todo mundo é*

*movimento
livre
de verdade
solto
esparramado*

o chackra da cabeça tava redemoinho

*pé pulando
sem ter que correr
só curtindo*

movimento

*sem punhos cerrados
aberturas*

*extravagante
ousar
cabeça pra baixo
pé pra cima*

ser de verdade

*sair da cabeça
centralizar é besteira*

*sabedoria tem em cada célula
todas te dão vida*

*agradeça dando vida a si
vida de verdade
movimento de verdade
corpo de verdade”*

B.

O poema da B. aponta para a existência, uma existência cansada e que também tem privilégios, como ter espaço para sentir e perceber o sofrimento? O sofrimento é singular muito embora pessoas que estejam em situações de vulnerabilidade social tenham outros sofrimentos que se agregam a vários outros, cada um sofre do seu lugar, que fala também da existência.

B. associa com as migalhas que a cidade apresenta. Migalhas de afeto, migalhas de tempo. Um corpo que se utiliza de roupas largas para não sofrer violência mas que pode sofrer lesbofobia. E aqui se impõe uma crítica: independente do que se usa, tudo pode ser passível de questionamento, então como se expressar diante disso?

B. apresenta ainda um corpo como ninho e também com vulnerabilidades. Ser acolhida pelo outro e por nós mesmas.

Compartilho os meus registros poéticos:

Figura 6.4 – O corpo pede pra sair



Fonte: Arquivo pessoal
Fotografia: Cariele Souza

“O corpo quer sair (Figura 6.4)

*O corpo, não qualquer corpo, o meu corpo, este no qual eu habito, moro, resido, naufrago, existo
Este corpo que deseja sair de tantas formas, quer tomar o espaço de fora porque não parece caber aqui dentro,
Não sossega, é inquieto, embora às vezes fique recluso,
Este corpo com o qual escrevo para ele próprio sabe o movimento de recolher, de se erguer, de explodir, de
irradiar o espaço de fora porque não cabe só em mim...
Esse corpo que vai ganhando espaço, entre um movimento e outro, entre uma esticada, entre o grito e o
sussurro, entre o pulo e o passo, não parece caber aqui, quer ir pra o mundo, alcançar o que ainda não foi
alcançado, ser o que ainda não foi e levar parte de quem ainda se é.
Meu corpo, este marcado por tantas cicatrizes, retalhos, pedaços, vai se refazendo, se recompondo, formando
uma trama em cada fase, em transformação, em mutação.*

O corpo saiu.”

Cariele

Propomos registrar o corpo na rua. Faremos uma caminhada e compartilharemos impressões. O que há além desse reexistir?

B. sugere uma série da Netflix da Glória Groove que instiga a pensar nas potencialidades. O que podemos descobrir do corpo que temos?

Falar de corpo território é resgatar andanças já vividas, resgatar a nossa ancestralidade, reconhecer caminhos, olhar a cidade, olhar em volta, é observar os diferentes olhares existentes que não são iguais para todos. É também se olhar enquanto corpo em construção que caminha em busca de algo, que se movimenta e circula no espaço, um caminho que se faz ao caminhar, que se constrói ao andar. O que somos a não ser narrativas que costumamos ao longo da caminhada da vida? Um olhar para si trata-se também de reconhecer os muros que foram construídos, os alicerces que continuam firmes, paredes muralhas que precisavam ser desmoronadas, porque a vida é uma constante arte de construção e reconstrução de nós mesmos que se reflete no mundo.

4º encontro - O que crianças ensinam

Iniciamos pelo compartilhamento de reflexões e registro poético. B. compartilha em forma de reflexão e narrativa as suas impressões. Pensou em cantar uma música, mas teve uma dificuldade pois estava sentindo dor na garganta. Assim, conta da saída que fez na rua, prestou atenção na forma que ela caminha e como as outras pessoas caminham e percebeu um caminhar rápido. Caminhar devagar é um esforço muito grande em SP, relata a mesma, e acrescenta: “ficar doente é um limite do corpo, ele força a andar devagar ou até não fazer as coisas.”

B. fala de uma exaustão que sente há 3 meses. Tireoide alterada, somatização. “*Tireoide é um descompasso de tempo, querer fazer muita coisa e não tá suficiente*”. A cidade está

estruturada para isso, cobrar para fazer mais coisas, online e presencial. Qual tempo que existe para fazer outra coisa além do trabalho?

Apresento dois vídeos (35, 36) curtos e conto um pouco da minha experiência indo ao trabalho.

Alguma coisa eu tenho que fazer para que eu não só passe pela rua. Incluir a natureza na minha caminhada. Incluir a paisagem na minha correria.

O que é possível ser feito dentro desse caos, da correria urbana, dentro de uma das maiores capitais do Brasil?

B. traz em seu relato o caminhar com seu filho. O corpo da criança quebra essa lógica, é corpo subversivo. A criança nos ensina a aproveitar a “inutilidade”, a aproveitar o momento, a andar conforme o seu tempo.

Resgatamos a infância que existe em nós, mesmo quando nos tornamos adultas. Compartilho com B. sobre o meu trabalho com uma criança e dos aprendizados sobre caminhar e sentir a natureza em volta. O que aprendemos com as crianças? Seja outras crianças seja a nossa criança? O que há de infantil em nós mesmos com o passar dos anos? Em mim, há o gosto por me movimentar, dançar, recordo de quando eu era criança que adorava dançar e que a sensação atual de quando eu danço me deixa alegre, assim como quando era pequena.

B. recorda de uma foto e do relato da sua mãe que dizia que dançava com o véu, e apresenta a sua foto quando criança.

“Quando foi esse momento de cisão? Acho que foi tão traumático... risos. (...) eu gostaria de olhar um pouco pra trás pra tentar entender esse momento, acho que é importante. Tenho muita vontade de dançar, como uma força segurando meus braços pra ficar parada (...).”

Assim, com a proposta sugerida pela mesma acrescento uma reflexão:

De onde eu vim?

Proponho a fazer costura com a nossa própria história. Propomos assim uma costura de memória, inspiradas no trabalho da Rosana Paulino (37), que apresentei para B. e discutimos algumas delas.

B. ao observar o trabalho da artista, utiliza a palavra “casulo” e relaciona consigo mesma quando diz que algo quer se movimentar, mas está preso. B. está no casulo? Estamos quase explodindo, querendo sair, querendo nascer. O que impede esse corpo de se expressar? Nossa metamorfose?

Futuras borboletas, em fase de transição, impedidas a ser por medo de não saber voar ou por medo de não sustentar as encruzilhadas que o voo nos coloca.

Compartilhei que em 2017 fiz um trabalho audiovisual inspirado no livro metamorfose de Kafka, onde foi apresentado em uma disciplina de Literatura e Saúde. Lá eu estava no casulo, revivendo meus medos, me preparando para sair de uma bolha e me propor ao voo. Voei, e nesse voo vim parar aqui, num encontro afetuoso discutindo os desafios de se aventurar e tecendo narrativas sobre o casulo, agora não mais meu, e sim da B.

5º encontro - Costurando memórias

Iniciamos o encontro com a apresentação dos registros. B. mostra a sua colagem (Figura 6.5):

Figura 6.5 - Memórias



Fonte: Arquivo pessoal da participante

Na gaveta dos guardados, como diz Iberê Camargo, tem histórias, memórias que despertam risos, nostalgias, emoções.

B. resgata a foto (Figura 6.5) da sua cadela que foi marcante na sua infância e diz “Foi legal ver as fotos, porque eu era muito doidinha, desde nova gostava de ser bruxa, e de coisas místicas”. Assim, sente que de alguma forma segue a sua criança.

Conexão e refúgio foram duas palavras que ela pensou sobre ela, as tessituras de B. levam-na a fazer pazes consigo mesma, “eu sou refúgio de mim”. Relata que a sua adolescência foi difícil por ter baixa autoestima e na colagem teve a possibilidade de olhar, mudar, se perguntar e se perdoar e se transformar (com um paletó e um chapéu, compõe a sua imagem fazendo uma ruptura no que é considerado como estilo feminino/masculino). Nesse processo,

Descendentes percorreram caminhos diante da vida e vivenciaram momentos complexos. A colagem (Figura 6.7) feita em cima de cabelos, demonstra a matéria orgânica cheia de força e dos nós que são feitas as relações familiares. Relato estar sonhando com morte, o que me faz lembrar dos meus avós. As memórias vão ficando borradas, memórias também são invenções, associao com o rosto da minha avó que vai se apagando com o tempo. Para Iberê, “a memória é a gaveta do guardados (...) Pertence ao passado. É um registro. Sempre que a evocamos, se faz presente, mas permanece como um sonho.” (38, p. 1).

Figura 6.7 - Redes ancestrais



Fonte: Arquivo pessoal
Colagem: Cariele Souza

Outro ponto em comum que apareceu nos nossos relatos, é que fomos criadas majoritariamente por mulheres, existe uma linhagem. Como um tubo de linha que desenrolamos para costurar, assim foi o nosso encontro, a cada retalho narrativo precisávamos de mais linhas que possibilitassem costurar mais histórias, memórias e afetos. Costura que liga e que é frágil.

Compartilho memórias do tempo em que eu visitava a minha avó materna, a ausência dela me impossibilita de alguma forma a ter conhecimento sobre suas histórias, embora eu me encontre neste momento indo em busca de responder algumas das minhas indagações. Cito uma escrita feita por mim:

*O gosto do feijão que se foi
O cheiro do café passado na hora que se foi
O cheiro de vó que se foi
A sua voz grossa se foi
O teu abraço apertado se foi
Você se foi
Menos a saudade*

*Invento memórias
 Crio o cheiro
 O gosto
 A voz
 Para que não se vá,
 Para que eu não esqueça de te recordar
 Pra continuar ocupando um espaço sutil aqui no peito*

Você se foi

E muita coisa contigo se foi junto, um pouco de mim também se foi.

*As palavras se foram
 Pra quem pedir bença?
 Não tem mais*

Cariele

O gosto pela dança é presente desde pequena e a escrita na adolescência. Com as trocas fomos revivendo memórias. E, por fim, percebemos a representatividade feminina no nosso lar e o cuidado dado por elas, mães e avós.

Sugiro o tema do registro poético: Descendência, quais os estereótipos que escutamos por estar atrelados à nossa descendência? Trazer palavras.

No momento da sua produção B. menciona que “guiou a linha mas foi deixando ser”. Isto representa a abertura da B. para o processo, estava consciente e entregue ao que poderia emergir. Enquanto eu escrevia este diário, me recordei do poema que representa o encontro de hoje ao resgatar recordações:

Sentir saudade talvez seja a licença poética da conjugação do tempo: estar ali e aqui simultaneamente. Sem estar de fato. Saudade evoca presença, intermedia o tempo do espaço percorrido. A passagem do tempo é espaço de tempo percorrido. Saudade do tempo é espaço para lembrar para esquecer para lembrar para esquecer para lembrar para esquecer para lembrar. (3, p. 24).

6º encontro - Decolonizar-se

Neste encontro apresento o vídeo da performer Cyshimi (39) sobre estereótipos colocados em pessoas amarelas. A partir deste vídeo disparador, início a conversa resgatando a frase mencionada por B. nos primeiros encontros “não sei quem eu sou”. Questão filosófica e existencial que percorre a nossa vida, que neste momento preferi destacar e trazer à tona. Não se foi alguém até aqui? Quem está aqui? “Eu sou todos os meus eus e mais outros eus” (3, p. 40).

É possível pensar na descolonização da matéria, desse corpo? Um corpo vestido pelas palavras que escutamos. O que vamos sendo ao longo do tempo? Somos a pele que está por baixo da roupa ou somos o vestido composto por palavras que ganhamos? Como podemos

decolonizar, fazer algo com as palavras e desterritorializar o corpo que tem nomes, julgamentos, estereótipos, para re-construir o corpo e o corpo-mundo.

Quando vai se permitir ser quem se é e quem pode vir a ser?

Palavras que a B. trouxe a respeito da vivência dela, menciona um não pertencimento a partir dos estereótipos: alienígena, tábua, xenofobia pela pronúncia de algumas palavras.

Ela coloca que não foi sendo ela mesma durante o tempo, assim questiono o que ela foi sendo no decorrer da vida. B. se pergunta quando vai se permitir ser quem se é, no sentido de aceitar o corpo e seus traços que dizem de uma racialidade mista. É necessário desfazer amarras que não nos convém para se fazer ser.

Uso como referência Michelle Mattiuzi e Jota Mombaça o texto “Carta a leitoras pretas” (22) que aborda sobre racismo, compartilho da minha racialidade, estereótipos escutados por mim em relação as pessoas negras (pardas e pretas). A nossa única possibilidade de existir é criar. Escutar a história real para compreender o que é nosso. Se apropriar de nós e da história dos nossos que vieram antes de nós.

Acabar com o mundo que foi colonizado e criar um outro mundo. Questiono: Como você pode criar mundos? B. traz que gosta de dança, o que é possível criar a partir do que já se é e como transformar os embaraços, nomes em outra coisa? Como desterritorializar esse corpo criticado, julgado, domesticado, colonizado para criar um novo território?

B. traz nos encontros que está um pouco perdida, a crise de identidade vem também de um não pertencimento. B. se dá conta de que se conhecer é também falar de racialidade e, assim, recuperar a sua ancestralidade. “*A colonialidade atravessa todos os aspectos da nossa vida*” (B).

“*Não sou daqui e nem sou de lá, se sou exótica, alienígena, é porque não é daqui, mas também não sou de lá*” (B). A participante conhece sobre a sua comunidade a partir do relato da sua avó e de pesquisas feitas e menciona a exclusão social, xenofobia e preconceitos de brasileiros descendentes de japoneses. Menciona ainda Denise Ferreira da Silva – “Acabar o mundo colonizado”. Pluriverso, “*não existe um mundo só, o universo é uma narrativa que o Ocidente prega*” (B).

Quando falamos de um mundo colonizado podemos pensar também em nós, que a todo momento há uma tentativa de colonizar nossas identidades e modos de viver. Quando mencionamos tornar quem se é apontamos também uma pessoa em construção, assim, trazemos que nada está definido, somos alguém até aqui e um devir a ser, o que requer de nós uma abertura para reverter nossa filosofia e pensamento. Seres incompletos, que se fazem nos instantes, nos passos, no viver. Somos muitas em um só corpo, quanta potencialidade há nisso?

Trata-se de criticar o poder posto através da colonização para então nos apropriarmos do poder, isto é, de assujeitado para sujeito, uma mudança de lugar que a decolonização nos impele, protagonista da nossa história. Proposição final, transformar as palavras escutadas em registro poético.

7º encontro - Ichariba choode ⁶

Iniciamos discutindo o encontro anterior e o pertencimento ao estar em grupo que discute sobre racialização amarela, B. conta da surpresa e do conforto que é ver esses grupos. *“Não é comum ouvir pessoas que falem sobre isso, é algo delicado que ao falar remete lugar de dor. O corpo amarelo é silenciado de um modo muito específico, não é comparado ao silenciamento e ao genocídio que sofre a população negra e população indígena, é uma invalidação, histórias de muita dor que nunca podem ser faladas.”* Na sua família não é algo falado normalmente, a não ser que explore muito a fundo, com alguns parentes mais velhos, mas a tendência é não falar, o que para ela remete a um adoecer. A família do pai tem feridas complicadas por ser amarela e ser indígena e não poder falar que é indígena na sua terra, causando um duplo silenciamento. B. se interessa e estuda sobre a descendência japonesa e okinawana, ao mesmo tempo em que se sente não autorizada, critica o rumo hiperidentitário neoliberal que algumas destas discussões acabam tomando.

Não poderíamos deixar de questionar os privilégios que determinadas classes sociais e raças têm e qual o papel da branquitude, classe dominante, ao reconhecê-los. Assim como os diferentes preconceitos e atravessamentos subjetivos que cada pessoa racializada vivencia, isto é, pessoas amarelas passam por situações de violências diferentes da população negra, da população indígena. Faz-se importante ressaltar pois são de diferentes etnias e a responsabilidade ao se pensar raça, classe e seus privilégios, para diferentes grupos. B. critica a falta de articulação e a segregação que ocorre e compartilha através de um poema o seu registro poético.

A curva da árvore lembra-me da curva da minha própria coluna.

Fujo de mim? Fujo deles? De quem? Destino é cada passo dado, destino é encontrar a si. O Destino é sua própria natureza, a bruxa uchinanchu me disse, e por isso ele é certo.

Por que então me sinto tão errada?

Do alto da torre, olho o céu através de feia rede. Os olhos se embaralham e não consigo sentir o céu nu, aberto, imenso. Só pedaços. Fragmentos; é o que tenho sido.

Aqui, uma mãe. Ali, uma irresponsável. Lá uma estudante que já deveria ter emprego, carteira de motorista, carro e poupança.

⁶ Provérbio de Okinawa da ilha principal. “Ao nos encontrarmos somos todos irmãos.”

*Olho para mim e tento me entender. Que tipo de estrangeira sou apesar de aqui ter nascido?
A pele amarela que visto dá fome escrota em uns. Outros encham a boca de humilhações envolvendo pastéis de
fRango, vaginas horizontais e insistem em enfiar dedos brancos nos meus olhos puxados.
Mas em outres... só gera mais dor. Como justificativa da violência sofrida, como distanciamento, como pacto
com o diabo branco. Ai que ódio desse diabo branco que destitui rainhas negras, que pisa em cima de pajé, que
atira na criança da favela e que deixa mulher trans jogada na rua.
Me sinto ridícula em sentir tanto ódio, tanta tristeza, e não saber o que fazer com isso. Me sinto ridícula quando
distorcem palavras de Buda como jeito de se conformar com a injustiça social. Me sinto ridícula quando ouço
que a cultura japonesa é linda, as mulheres têm a pele de porcelana, todos são obedientes trabalhadores, sushi é
top.*

*Mal sabem que meu sangue traz memórias de opressores imperialistas, senhores feudais e indígenas
violentados, hoje assimilados forçosamente a uma cultura global em ilhas lá longe. Pele porcelana é coisa de
elite, de quem não foi escravizada, de quem não morria de tanto trabalhar na roça, de quem não pegou doença
de europeu. Minhas ancestrais não tinham essa pele de reboque não, essa pele artificial que não conhece o sol.
Obediência cega ao senhor que te chicoteia é assinar termo de morte antes da hora de morrer. É ter tanto medo
de viver outra bomba de Hiroshima que vende a alma pro capital.*

*Comida gourmet? Até onde conseguem lucrar. Só virar o dia e dizem que foi esse povo nojento que come
morcego que trouxe doença. Mal sabiam eles que esse vídeo era antigo. Caiu nas redes, o peixe cru é você.
Imperador que mata seus próprios kodamas [espíritos das árvores], que é conivente com misoginia e que invade
outras terras pra levar morte? Jamais serei governada por um assim. Seja no Japão, seja em Ryukyu, Brasil,
Havaí, América do Norte ou Europa. Seja em Gâmbia, Nigéria, Palestina, Rússia. Seja na Colômbia, Coréia,
China, México, Peru ou qualquer outro canto de nossa Mãe, ouçam bem:*

NOSSA VIDA NÃO ESTÁ À VENDA.

*Vocês matam porque estão apodrecidos por dentro. Ainda há chance mas quem decide entrar no corre é vocês.
No Brasil, meus parentes mais próximos de sangue, muitas passaram pano pros próprios carcereiros,
humilharam suas irmãs e irmãos de outras cores.*

*Tá na hora de construir solidariedade colorida. Unidade na diversidade, diversidade na unidade.
Ichariba choode.⁷*

B.

Registro poético 2:

O contorno dos meus olhos ninguém nunca soube bem dizer.

*Teve quem já ficou encarando
Na cara dura mesmo
Aquele branca ignorância colonizadora que se surpreende ao perceber que existem outras cores no mundo
Já me falaram que é nojento
Que esquisito, não tem dobra.
Deixa eu tocar
Não!!!
Mas não era pergunta, era só anúncio
(risadas)
Que engraçado!
Abre o olho, japonesa
Você tá dormindo ou tá acordada?
Nos tutoriais de maquiagem
as dicas eram para aumentar o tamanho dos olhos
afinar o nariz
esconder o “bigode chinês”
desenhar a dobra do olho

Uns insistiam em dizer que era bonito, mas...
-E sempre tem o mas-
Nossa, que exótico. Você não é daqui, né*

⁷ Provérbio de okinawa da ilha principal. “Ao nos encontrarmos somos todos irmãos.”

*E então aquela dúvida
Sou de onde então, cara pálida?*

*Ao mascarar meus olhos puxados
Apagava os traços amarelados
Toda sua história de dor
de apagamento
de luta
e traição*

*Sim, traição
Como pudemos apertar a mão do invasor?
Beber com ele
Rir de suas piadas racistas
Fazer pacto pra segregação
Promover meritocracia
Ser bucha de canhão pra genocídio negro e indígena?*

*Aliás, é curioso
vejo-me mais no guarani-kaiowá
no pankararu e tupinambá
na desana e yanomami
do que em qualquer face branca*

*Mas é claro
Minha cara
é pálida*

B.

Domesticização (Figura 6.8) que impede de vermos quem somos, de onde viemos, conhecermos nossa história.

Figura 6.8 - Embranquecimento



Fonte: Arquivo pessoal
Fotografia: Cariele

Indico os vídeos da Linn da Quebrada (40), “O que pode um corpo” de Dani Lima (41), “Um corpo sem juízo” de Jup do Bairro (42) para discutir sobre este tema e a performance “R-existo” de Zahy Guajajara (43).

O que temos e o que queremos para nós e para o mundo? Caminho de refazer o corpo, portanto, a si. Criar-se.

9º Encontro - corpoesia

Neste encontro, no caminho para finalização do nosso encontro, início com a apresentação do vídeo performance “Refluxo” (2).

B. relata sua identificação com o vídeo, algo forte que a faz se conectar consigo.

Entre as germinações causadas também por esse projeto, B. relata iniciar oficina de dança, percebe que ter discutido sobre o corpo também contribuiu para que fosse buscar a movimentar-se de outras formas. Assim, podemos dizer que o espaço incentivou movimentos.

Compartilha a sua experiência parecida com um “expurgo”, esse processo a faz se defrontar com dores, feridas que achou que não tinha mais e entra em contato de alguma forma com “cura”, assim chamado por ela, de juntar os cacos e fazer um mosaico. Compartilha que a sensação é de eu estar segurando na sua mão diante dessa experiência.

Fizemos um resgate do início do projeto e como ele foi encaminhado para este passo, expurgo, que não havia planejado inicialmente, mas tivemos pistas durante o processo que indicava um corpo em mutação.

B. vive à espera de uma epifania quando vive os processos e os mergulhos, mas parece que não chega neste lugar. Olhar o corpo no mundo, encontro com a ancestralidade. Nunca vai estar acabada, nunca vai estar pronta. Sede de voar o mundo, provar todos os sabores, não vai viver a vida quando morrer. B. é muito espiritual, pede conselhos para os seus guias e com isso cita uma frase que tem em seu guarda-roupa “Você vai esperar o estado nirvana chegar pra aí fazer alguma coisa? Não existe condição perfeita, só existe o presente. Reaja”. Compartilha dos seus desejos, ser super mãe, ter grana, vida coletiva, morar no mato. A felicidade não é plena. Como está vivendo a vida?

Compartilho poesia de minha autoria:

*A constante busca de ser
Sou isso
Não sou isso
Quero ser isso
Sou isso
Não é isso
O que é então?
Não sei, só sei que não é isso
Achei que fosse isso, isso você sempre disse que queria
Mas não é mais
Como não?
Parece não me cabe mais isso*

*E o que cabe?
Não sei
Ando à procura de caçar o isso que me tira do sério, que me leva ao mistério, que me inquieta e me tira do
trilho
Esse isso que parece infinito, que não cessa de aparecer,
O isso parece um fantasma que vem quando tudo parece está normalizado
O isso talvez venha pra mobilizar
Ah, mas o isso também causa muita estripulia, não se aquieta
Esse isso vai me deixar sem juízo
Sempre escorrega pelas mãos, por tudo que achando que é
Ser a que o isso é só o movimento de i?
O movimento de i (só) Que quando se depara com o só se engana tentando achar que não é i (só) e vai em
busca de outra coisa que não seja só ?
Mudar na tentativa de contornar o isso, que é impossível pois o isso nunca se satisfaz.*

Carielle

A epifania veio, disse B. Este foi o momento do encontro em que se juntam pontos de cada encontro, no que eles suscitaram em forma de poesia. B. relata que diz muito forte sobre si, como uma catarse emocional. O que é isso então? Possibilidade. O corpo não deveria ser assim? Então, o que é? Corpo indisciplinar.

Levantamos questionamentos sobre desejos e sobre a vida, a participante compartilha sobre as borboletas que ficam em seu quintal, fazendo assim uma analogia, difícil estar no casulo, complemento: o voo também é difícil, pois depende de nós. Valorizar o percurso, pois o percurso já é por si ser. Aqui, apresento o motivo pelo qual nomeei a participante com a letra “B”. B. é uma mulher borboleta e bruxa, são tantas que não cabe defini-la, entre metamorfose e mistérios, B. é uma caixa de surpresa sem estar necessariamente encaixotada.

O desejo, apresentado na poesia, consiste no movimento incessante que não cansa de querer mais, sempre além. O encontro dos corpos disparou ser mais, um devir a ser, o desejo pulsa. “Descobrir que atrás da máscara não há rosto, só necessidade de criar novas máscaras.” (33, p.75).

10º encontro - Devires

Iniciamos o encontro com a música de Larissa Luz, “Descolonizada” (44), representação da nossa caminhada.

*Uma onça brava com o olhar
Já me dizia, eu hoje tô arredia
Ansiedade é tanto assunto
Uma agonia, mas podemos conversar
Eu sou sua mente
Prazer, me olhe de frente
A gente pode se entender
Negociar um equilíbrio
Um bom lugar*

*Eu sou sua mente
 Se aproxime, me olhe de frente
 Eu sei que emito uns rugidos de repente
 É o meu desejo de gritar
 Não deixe que a corrida maluca da vida louca
 Te jogue num precipício de mansões
 Garota, ninguém nos disse que seria fácil
 Segura a onda, dá na cara e continuar
 Não deixe que tentem te colonizar
 Te converter, te doutrinar
 Te alienar, eu quero voar
 Escrever meu enredo
 Liberdade é não ter medo
 Eu não vou entrar nessa jaula
 Eu não nasci pra ser adestrada
 Me deixa correr no espaço
 Deixa eu exibir a minha pele pintada
 Eu não vou entrar nessa jaula (...)
 Não deixe que a corrida maluca da vida louca
 Te jogue num precipício de emoções
 Garota, ninguém nos disse que seria fácil
 Segura a onda, dá na cara e continuar
 Não deixe que tentem te colonizar
 Te converter, te doutrinar
 Ou alienar, eu quero voar
 Escrever o meu enredo (eu quero voar)
 Liberdade é não ter medo (...)*

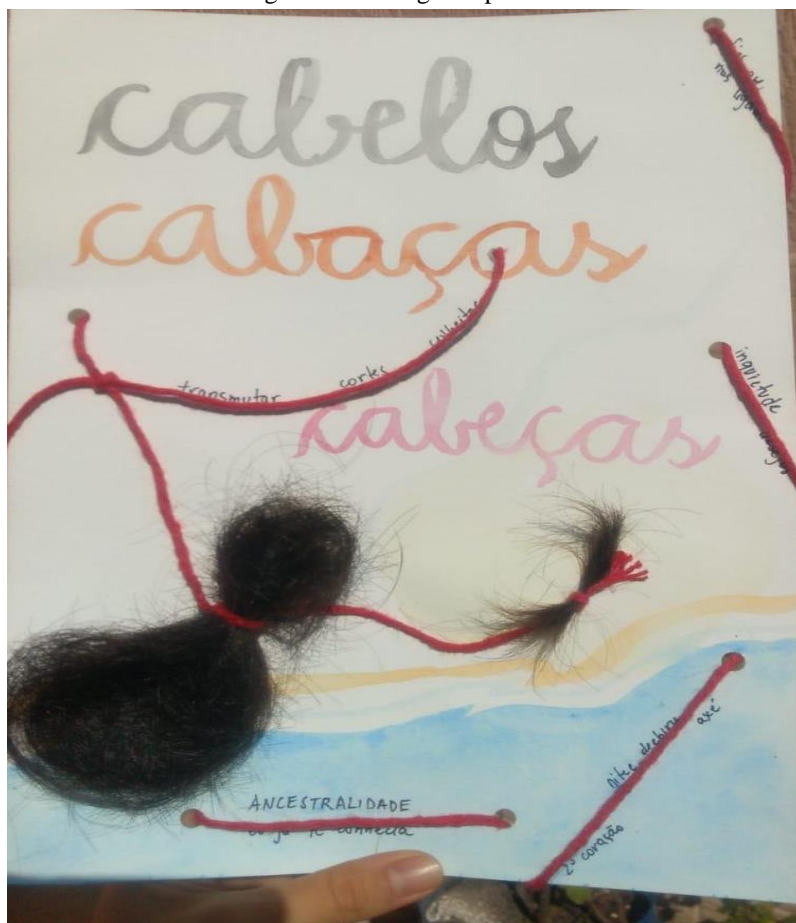
Larissa Luz

Em seguida, compartilhamos as produções finais. Utilizamos o recurso comum em nossas narrativas, o cabelo, um corte (Figuras 6.9 e 6.10) para demarcar um processo que também separa e abre possibilidade para o novo e para o crescimento. Cabelo representação de geração, pertencimento, força e potência que cria nós e nos forma.

Figura 6.9 - Bahia



Fonte: Arquivo pessoal
 Colagem sobre tela: Cariele Souza

Figura 6.10 - Registro poético⁸

Fonte: Arquivo pessoal da participante

Nesta imagem (Figura 6.11), o trocadilho se apresenta, entre a descendência e o amor. Vemos como a ancestralidade está presente nesta pesquisa e como isso atravessa e marca o nosso corpo.

Figura 6.11 - Descendência



Fonte: Arquivo pessoal da participante

⁸ “Transmutar cortes colheitas”, “ancestralidade”, “eu já te conhecia”, “Inquietude”, “desejos”, “axé”, “2º Coração”.

Realizamos também colagens (Figura 6.12) com palavras que marcaram os nossos encontros, algumas delas: “Juventude”, “jovens da terra”, “lá vem arte”, “corpo”, “o amor se constrói”, “solte a voz”, “que tipo de máquina você é? Desejos”.

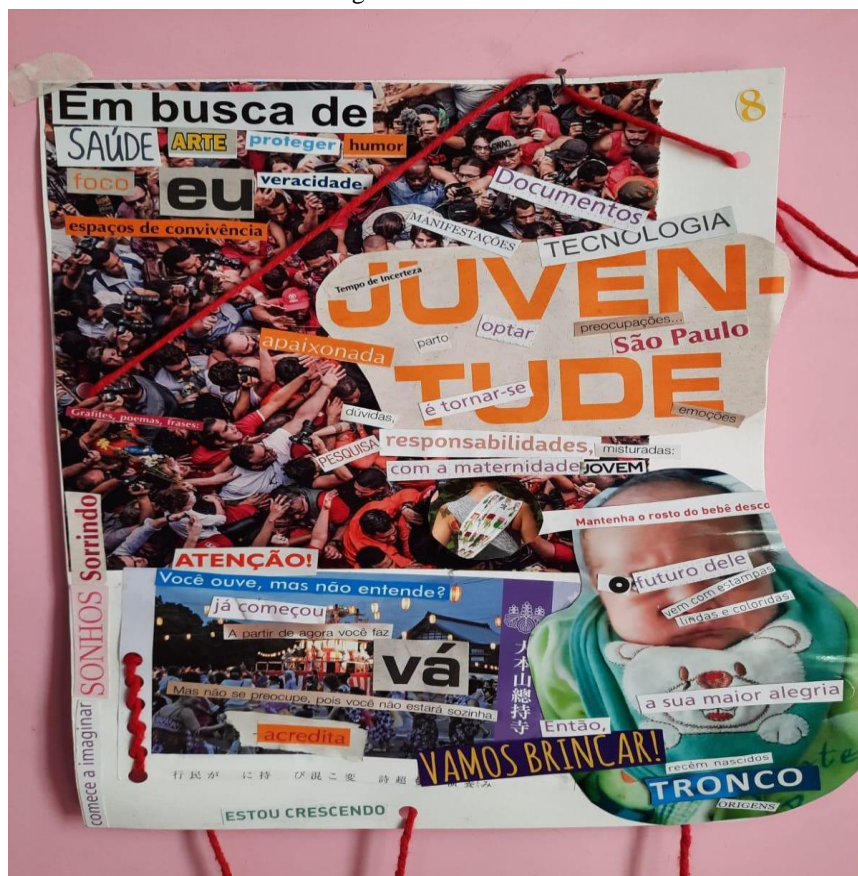
Figura 6.12 - Registro poético final



Fonte: Arquivo pessoal
Colagem: Cariele Souza

Construímos tramas com os nós que nos embaraçam, as colagens (Figuras 6.12 e 6.13) representam uma criação a partir da junção de fios meu e de B. “O registro foi se fazendo sozinho” – B.

Figura 6.13 - tramas



Fonte: Arquivo pessoal da participante

Um apontamento para o futuro que é agora, que se faz consigo e com o outro, a arte como potência de devir a ser.

Apostar no cuidado, no afeto é arriscar-se mais na vida. Encontros que suscitam criar coisas, produzir modos de fazer com a existência, resistindo, decolonizando o ser e tornar-se mulher diante de uma sociedade machista, patriarcal e desigual.

O fio representa o cordão umbilical (Figura 6.14) representado na colagem de B. com a foto do seu filho também traz a geração, espiritualidade, de um desejo que encara como não só dela, mas também das mulheres da sua história, como um “guia” que a ajuda a seguir neste plano que é a vida, relata a participante.

Figura 6.14 – Cordão de vida



Fonte: Arquivo pessoal da participante

Algumas das frases que compõem a colagem de B. foram retiradas de um pote que guardava há dois anos, foi pegando aleatoriamente e compondo a colagem com frases que a fazem refletir sobre sua vida. “A partir de agora você faz”. “Atenção, você ouve mais não entende?”.

Compartilha que se sentia como vítima e diante de outra posição recupera o seu lugar de desejante, que arrisca e aposta. Se propor a fazer coisas mesmo que possam dar errado, arriscar é estar aberto para riscos, riscos criativos, risco de perigos, riscos pulsantes.

Durante os encontros muitas coisas ocorreram na vida dela. B. traz o termo agenciamento: “*apesar de todas essas estruturas, de todas as dificuldades, de todos os ataques, como é que a gente se mobiliza nessa trama toda?*.” “O movimento do desejo surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento” (33, p. 37).

Além disso, escreve um texto refletindo sobre o processo e o que não conseguiu escrever, narrou no encontro. Para ela, os encontros foram importantes para compreender que não é mais adolescente, fazer as colagens representou a passagem para a juventude “*hora de viver um novo momento*”, frase escolhida que demonstra uma despedida de momentos da sua adolescência, importante para essa travessia, a saída de um lugar para a entrada em outro, no qual já está sendo, que de acordo com ela não tem “nada” ainda, embora tenha muito, tudo isso que se é.

B. se sente em epifania e se sente bem, se pega sorrindo olhando para o céu, e se pergunta há quanto tempo não fazia isso; uma sensação de expurgo, deixar vir à tona o que tem que vir. *“Não sabia que isso estava aí.” (B.).*

Se sente escutada e validada e o importante foi ver materiais que dialogavam com a sua narrativa. *“Mexeu muito comigo, de um jeito muito legal, não me senti solitária, esquisita ou inadequada... minha percepção corporal aumentou... Engatamos em conversas ricas [...] A dança se faz não só dançando...” - B.*

Qual dança foi possível? Movimentos com memórias, narrativas, emoções, dores, desejos e costuras.

Pensar a identidade nesse processo não como um rótulo, mas como navegadoras, mutáveis e transforma.dor.as. *“[...] Tudo muda, mas algo também se mantém” - B.*

Questiona a rigidez de alguns modos de vida e se propõe a transgredir. *“Estamos como navegantes na vida” - B.*

Reconhece as sistematizações que aprendeu e reproduziu para tentar deixar as emoções virem, negociações entre espaços vazios, não precisam ser sempre rígidos... *“se permitir sonhar. O que vai fazer com os sonhos depois? Negociar. Como vou dar corpo a ele? Desejar, sonhar sonhos sorrindo, dar espaço para sonhar”.* B.

Embora os recortes raciais sejam diferentes, em alguns pontos eles se ligaram e quando não se ligaram foi interessante para ampliar horizontes. Afinal, práticas decoloniais tornam acessível outros modos de pensamentos. Reconhecer os lugares de privilégios e fazer algo com eles.

O projeto possibilitou B. perceber que o tema Arte e Saúde é possível de acontecer, não precisam estar separados. Quanto ao tempo, sugere 1h, em média. B. considera como uma experiência feita individual e conjuntamente, entre a cola e o papel, entre nós e fios, entre silêncios e histórias, escutas e vazio, as brechas possibilitaram criar, tecer narrativas e criações de si.

Abaixo, o relato da experiência escrito por B.

Reflexões do Projeto Sobre Vivências

Sinto como se minha cabeça estivesse teimando em se descolar do corpo. Esquecendo de que É corpo. Corpo-mente, mente-corpo. Realizar-se, fazer-se no mundo depende disso. Os encontros com Cariele têm me feito lembrar disso e também aprender pela primeira vez. Resgatar cheiros e essências do Ser, mas também e principalmente, reinventar, criar algo pela primeira vez. Fazer-se e fazer no mundo demanda criação. Criar talvez seja o melhor banho de quebra-demanda, abre caminho e canela com mel que há. Criar demanda-quebrar o apertado, a fonte escassa que não é mais fonte; é EXPURGO.

Criar é fazer costuras, (des)fazer nós e traçar linhas multidimensionais. Criar é reminiscência do que foi e do que háDevir.

É o tempo sem tempo permeado de história e espírito. É divino e profano, sem divisão, e por isso transcendental.

É o mais próximo que chego do Mistério e de gritar resistências e re-existências.

Não cabe dentro dessa monocultura tosca, que ocupa tantos hectares e ainda assim é tão pequena, minúscula, infeliz caixinha aprisionadora e violentadora de mentes-corpos-terras.

Todos os corpos são errados, são certos, são indisciplinadamente disciplinados e horrorosamente belíssimos! Observo corpos, almas, e tenho conseguido admirar mais, respeitar e celebrar essa diversidade pura que é o que é, sem ter que julgar bonita ou feia (mas que é bonita, é).

Tenho conseguido fazer mais isto com o meu, apesar de existirem muitos bloqueios ainda, muitos dias que não gosto do que vejo e estou/sou. Pelo menos agora eu aceito ver, antes até isso era difícil.

Percebi feridas que nem sabia serem tão doídas ou que sequer existiam. A coluna torta, eu torta na vida. Quer dizer, achando que sou torta, inadequada, errada.

E estou entendendo que sim, pode ser isso mesmo. Mas inadequada a quê? A uma visão cinzenta de mundo? De monocultura, monocorpo, monocromática? Então tudo bem, prefiro ser este corpo desviante.

o que pode um corpo?

Pegando gancho com Jup do Bairro, estou começando a parar de dizer NÃO e a fazer esta pergunta. Abriu espaço, caminhos e encruzilhadas. Não querer achar portos seguros, mas encontrar contentamento em navegar. O poema de Cariele, "A constante busca de ser", mexe e remexe comigo neste lugar-não-lugar que é lugar! Não querer os portos seguros (seguros?) das obras finalizadas, dos rótulos e CIDs numerados. Navegar, buscar esse ser inquieto que se move pelos desejos, pela vontade de simplesmente viver, sentir-se viva.

Eu tinha uma ideia diferente de como seriam os encontros, que não seria tão profundo o mergulho. De início, quando percebemos que as outras pessoas não iriam compor os encontros, fiquei apreensiva: será que vai valer a pena pra ela tocar o projeto só comigo? Agora ao final conversamos como o trajeto foi ótimo para as duas, esse jeito permitiu que eu não me sentisse sozinha, fornecendo informações preciosas para um caixa eletrônico que não me daria nenhuma cédula de afeto em troca, mas foi maravilhoso sentir que caminhamos juntas, de mãos dadas, apesar de nunca termos nos encontrado pessoalmente. Ela me ouvia muito atenta e depois trazia materiais que se relacionavam com o que trouxe. E também me contava com muita sinceridade e proximidade questões suas, obras suas, histórias. Foi maravilhoso viver estes momentos com essa pessoa incrível!

Sinto que muitos lugares dentro de mim foram resgatados, foram descobertos e destravados. Ao fazer a última colagem, que resumiria um pouco do que foi viver esta experiência, senti como uma despedida não da juventude, mas da adolescência. Um adeus real, derradeiro, para assumir esse lugar de jovem adulta de uma vez por todas. Chega de "não vou conseguir", "que medo", "não sou suficiente", "não ainda". Assumir a incompletude e a responsabilidade de, apesar das estruturas rígidas, posso e devo fazer minhas próprias costuras. Por isso achei importante deixar a frase sobre viver um novo momento suspensa e separada do restante da colagem. "A partir de agora você faz". E é isso. Me considerar e me validar, olhar para o que completa e não para o que, supostamente, falta. Olhar para as "faltas" não como escassez, mas potência de futuros!

Esse lugar dos desejos de ser e de (se) fazer no mundo, entender a mim mesma nessa cidade desvairada, nesse mundo caótico e de horizontes tão amplos. Há muito tempo eu não pintava, não fazia colagens, nem poemas.

Nem deixar o corpo se mexer. E eu fazia bastante, adorava. Se adorava tanto, por que parei? Que regras comecei a seguir que me inibiram disto?

Por isso e muitos issos, foi muito importante passar pelos momentos propostos por ela nessa caminhada.

Expurgar primeiro, despir-se, rasgar, exorcizar a colonialidade imposta a nossos corpos-mentes. Depois construir o corpo, abençoá-lo, ritualizar um certo renascimento. E fazer este meu corpo-mente renascer após fazer nascer outro pequeno e potente corpo tem sido um grande desafio. Somado isto a um período tão trágico cercado de tantas mortes, extermínio, tristeza... Como resistir? Como gerar vida?

Liberar o corpo para se movimentar, nas práticas que fizemos juntas, foi muito bom, muito muito. Fiquei muito na cabeça nos anos pandêmicos e esqueci que tudo que habita em cima, habita embaixo e vice versa.

Equilibrar o sentir-pensar. E nossas conversas pareciam aconchegantes rios sem fim, fluíam e fluíam. Traziam à tona, limpavam, faziam brilhar, navegar, encontrar, descobrir a potência de ser um corpo no mundo.

Os encontros só têm reforçado: só a arte salva. Arte de pintar, de escrever, de ler, de dançar, cantar. Arte de tecer tecidos, tecer relações, tecer redes de afeto. Arte de saber viver bem, de Bem Viver. Arte, mesmo que produzida uma obra que não se pretenda expor, sempre vai tocar outro coração. Só acredito em coletividade e seguirei acreditando, procurando ligar fios ancestrais e futuristas a esse presente tão duro e tão belo também. Sigo mais fortalecida nessa missão após os banhos de lama e cachoeira que foram estes encontros do projeto SobreVivências!

7 FIOS E TRAMAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi um grande processo, cheio de desafios, angústias e desejo. Foi a oportunidade que encontrei de colocar um projeto que estava em mente há muito tempo, mas que ainda não havia contorno. A partir das trocas e orientações, foi criando forma. Foi pertinente pra mim, pois foi onde eu consegui me aproximar e conhecer lugares meus que até então não havia visitado ou explorado com mais afinco. E foi determinante para responder a minha questão enquanto profissional e criar mais perguntas sobre práticas possíveis e transgressoras para produzir vida. Permito-me concluir que este estudo me gerou vida, impulso, desejo de mais desejo.

Compartilho alguns pontos importantes como considerações finais. Com este estudo podemos perceber alguns pontos. Primeiro, a possibilidade de criar outros meios de produção de vida a partir de outras linguagens, dispositivos e modos de pensamento e prática. E, neste sentido, por inventar outros meios de vida, de cuidado de si, de estratégias de luta é que este trabalho se insere, uma prática inventiva para desenvolver reflexões decoloniais e insere a arte como apoio, sendo este o segundo ponto que acho relevante compartilhar. No início deste estudo a arte ganha outro lugar, o que eu entendia a priori como função, isto é, colocando-a para atingir determinado fim, muda de sentido quando proponho a parceria, produção a partir dela e com ela. A arte não como objeto, mas através dela se cria algo coisa e por isso pode ser considerada como um dos intercessores (23). O que permitiu fazer deslocamentos, atravessamentos, acionar um processo criativo, problematizar e questionar práticas hegemônicas com vistas a desenvolver uma prática decolonial.

Assim, a pergunta que norteia este estudo ela tem como resposta também a inversão da pergunta que ganha outro sentido no percurso, o que podemos narrar com a arte sobre os modos de produção de vida? A partir das poesias, fotografias, colagens narrativas foram realizadas criações que produziram fios e costura de tramas.

O espaço que se sucedeu a troca com a participante e a pesquisadora, considero também como intercessores, terceiro ponto. O relato da participante aponta para uma parceria que gera movimento: *“Foi maravilhoso sentir que caminhamos juntas, de mãos dadas”*. *“A partir de agora você faz”*. *“Olhar para as “faltas” não como escassez, mas potência de futuro!”*. Este estudo é produto de vivências, experiências, que suscitou afetos, estímulo a potencialidades e trabalho artesanal de si. Eu e B fomos intercessoras de uma da outra, esse suporte que gerou novas produções, ambas necessárias para construção de novos pensamentos. De acordo com Deleuze, “eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiram sem

mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê” (23, p. 160). Com isso, compreendo que a experiência se dá em conjunto e porque não dizer também em comunidade, nessa troca que se dá com o(a) outro(a), dos atravessamentos e composições que se faz junto, na tentativa de construir “a verdade que é da ordem da produção de existência” (23, p. 172). Forças pulsionais circulavam estimulando criações a partir de uma lógica decolonial de pensar a si e a sociedade, permitindo localizar potências, desconfortos, incertezas, instabilidades e com as impotências transformá-las em impulsos para criar significações e sentidos. A escrita por exemplo foi um dos pontos comum entre nós, é marcante e a partir dela falamos sobre nós, olhar implicado, ativo, produzindo modos de vida e de subjetivação.

Quarto ponto, a noção de juventude atravessa os encontros aparece no primeiro encontro e no último, localizando como os encontros afetaram a noção de adolescência e juventude, sendo no relato final “a despedida da sua adolescência”. Então o que é a juventude e a adolescência a não ser a própria noção de si? A passagem fluida de conhecimento e descobertas de si, na medida em que se defronta com as interrogações de si e do mundo? “Sou mãe, isso me faz não jovem? Mas, me sinto jovem”. Não somos então uma mescla dos tempos vividos até aqui? A pluralidade do ser, que nos constitui continuamente que permite a construção subjetiva que é tecida com as experiências da vida, escolhas e responsabilidades que são tomadas ao longo da vida. Acessamos fases que se encontram pulsando em nós.

A dança, é um exemplo da B., que ela resgata ao contar da sua infância e ao final do encontro a mesma busca formas de dançar novamente, indo à oficina de dança como menciona. Este é um dos ensinamentos que B. demonstra, as fases são passagens que não estão totalmente fechadas, é possível acessá-las mesmo com as mudanças, assim como a noção de identidade debatida neste trabalho, que em suma, é uma constante construção.

Como quinto ponto, o relato da participante ao abordar a experiência inclui 4 procedimentos importantes e basilares deste trabalho: *Escuta sensível; Provocação; Processo dialógico e Criação.*

A escuta sensível é pilar para o trabalho com a(o) outra (o/e). É por meio desta que o vínculo pode se estabelecer e é através da atenção flutuante e da associação livre, baseada na noção de Freud (45) que o inconsciente pode emergir e com isso sublinhar algo que chama a atenção e poder ser colocado em questão. A partir da fala livre permite, também, perceber as queixas, as potências, as contradições, o que pulsa e com isso pode-se fazer provocações. O processo dialógico é o terceiro procedimento deste estudo, produziu impactos não só na participante, quanto em mim também. A parceria está presente quando a participante se coloca à disposição para construir junto comigo um outro modo de trabalho, que neste diálogo ela

trouxe muito conhecimento em sua bagagem de experiências particulares, conhecimento próprio, e, através disso, foi possível dialetizar, conhecer uma a outra, partindo da noção de que cada uma (um) traz saberes anteriores, de outras vivências, da sua história de vida, sendo o espaço uma abertura para a junção e produção de mais conhecimentos. Este processo produziu em mim afetações, ampliando reflexões sobre o cuidado com o outro (a), que implica considerar o saber que este (a) também traz.

A partir destes pontos, localizando a si e o mundo, o que deseja, caminhamos na direção de continuar criando a vida como obra de arte (46), sendo este o quarto procedimento decorrente dos anteriores, a criação. Alguns desafios se apresentaram, como por exemplo, ao invés de formar um grupo, formamos uma dupla; o cartaz ou banner não atingiu pessoas suficientes para essa formação e a disponibilidade de tempo e de prática requer adaptações conforme a modalidade presencial e online. Sendo assim, permaneço com algumas perguntas: como reproduzir ou adaptar esta metodologia em grupos maiores de forma presencial e online? A durabilidade seria a mesma para ambas as modalidades? Em caso de pessoas com deficiência, como conduzir e planejar recursos para os encontros? Tais questões permanecem em aberto como indicativo de gerar futuros estudos na interface arte e saúde.

E como último ponto, trazer outras epistemologias, adotar outras práxis em diferentes campos, é imprescindível para gerar inquietações, gerar diferenças e metamorfoses (Figura 7.1), assim como este estudo

Figura 7.1- Nautilo



Fonte: Jazmin Norma Galván Romero - XLI Encuentro Nacional de Artes Joven 2021 na Cidade do México.

Assim, este estudo gerou um Produto Educacional que tem como proposta um vídeo “Refluxo” (2) (Apêndice A) para disparar e multiplicar outros modos de produzir saúde com jovens em espaços intersetoriais.

Considero que os resultados foram alcançados, na medida em que, a arte, como experiência, produziu e produz criações, práticas decoloniais tem efeitos significativos para problematizar e descobrir novos mundos sendo esses intercessores fundamentais para essa construção em coletivo. Outros mundos, outras práticas são possíveis para destruir o colonialismo e outros estados imperativos, de sistemas, capital, e inventar práticas diversas e decoloniais de fruição de pensamento, trocas de afetos, compartilhamento de experiências, vivências e espaços que agreguem potencialidades, o novo, construindo tramas, des.cobrando corpos, produzindo mais desejos, enfim, devir, pois a vida urge.

REFERÊNCIAS⁹

1. Kilomba G. *Whit I Write*. [citado em 16 ago 2021]. Disponível em: Rio de Janeiro: Disponível em www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w
2. Souza CS. *Refluxo*. [citado 10 nov 2022]. [Internet]. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0hUov-3KjxI>
3. Derdik E. *Linha de costura*. São Paulo: Iluminuras; 1997. 62 p.
4. Organização Pan-Americana da Saúde. *Saúde mental dos adolescentes*. [citado 14 jan 2022]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839
5. Brasil. *Lei 11.129 de 30 de junho de 2005*. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude, e dá outras providências. Brasília (DF); 2005. [citado 10 dez 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm.
6. Cebrap. *Linha de cuidado para a saúde na adolescência e juventude para o Sistema Único de Saúde no Estado de São Paulo*. São Paulo; 2018. [citado 19 nov 2021]. Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Linha-de-Cuidado-Adolescencia-Juventude-SUS-SP-1.pdf>.
7. León DO. *Adolescência e juventude: das noções às abordagens*. In: Freitas MV, organizadora. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa; 2005. p. 9–18. [citado 10 jan 2022]. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>.
8. Freitas MV, organizadora. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa; 2005. [citado 10 jan 2022]. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>.
9. Bento M, Beghin N. *Juventude negra e exclusão radical*. 2005. [citado 14 jan 2022]. Disponível em http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ENSAIO4_Maria11.pdf. (IPEA Políticas sociais - acompanhamento e análise).

⁹ De acordo com Estilo Vancouver

10. Jager ME, Batista FA, Perrone CM, Santos SS, Dias ACG. O adolescente no contexto da saúde pública brasileira: reflexões sobre o Prosad. *Psicologia em Estudo*. 2014;19(2):211–21. doi:10.1590/1413-737221567004.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília (DF); 2010. [citado 20 dez 2021]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf.
12. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Lei N° 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília (DF); 2013. [citado 19 nov 2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.
13. Brasil. Presidência da República. casa Civil. Lei N° 8080 de 19 de setembro de 1990. Brasília (DF); 1990. [citado 14 dez 2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm.
14. Barros M. Memórias inventadas. As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planaeta do Brasil; 2008. 95 p.
15. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência . *Revista Brasileira de Educação*. 2002 abr;(19):20–8. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
16. Dewey J. A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes; 2010. 110 p.
17. Achite A. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: *Pedagogias decoloniales - Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Editora: A. 2013. p. 443–68.
18. Liberman F, Lima EMFA, Maximino VS, Carvalho YM. Práticas corporais e artísticas: aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista de Psicologia*. 2017 maio-ago;29(2):118–26. doi:10.22409/1984-0292/v29i2/2163.
19. Ostrower F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes; 2014. 186 p.
20. Walsh C, editora. *Pedagogias decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala; 2013. [citado 10 jan 2023].

- Disponível em: <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>. (Série pensamento decolonial)
21. Silva SJ. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida. El paradigma del “buen vivir”/ “vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo.” In: Walsh C, editor. Pedagogias decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala; 2013. p. 469–500. [citado 10 jan 2023]. Disponível em: <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>. (Série pensamento decolonial).
 22. Mombaça J; Mattiuzzi MM. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: Silva DF. A Dívida Impagável. São Paulo: [editora desconhecida]; 2019. p. 15-27. [citado 15 set 2022]. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>.
 23. Deleuze G. Os intercessores. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. 240 p.
 24. Deleuze G. Sobre a filosofia. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. p. 173–98.
 25. Seixas R. Metamorfose ambulante. In: Metamorfose ambulante. [local desconhecido]: Phillips; 1988.
 26. Deleuze G. O retrato de Foucault. In: n: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. 135 p.
 27. Deleuze. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. 109–21 p.
 28. Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L, organizadores. Pistas do método Cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009. 52-75 p.
 29. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Suzano. Cidades e Estados. 2021 [citado 1 fev 2021]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/suzano.html>.
 30. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução N° 196, de 10 de outubro de 1996. Brasília

(DF); 1996. [citado 1 fev 2021]. Disponível em:
<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996>.

31. Brasil. Ministério da Saúde. Orientações para procedimentos em pesquisa com qualquer ambiente virtual. Brasília (DF); 2021. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf.
32. Emicida. AmarElo. [citado 20 ago 2021]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>.
33. Rolnik S. Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; 2011.
34. Luna L. Um corpo no mundo. [citado 14 nov 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>.
35. Souza CS. Caminhada. [citado 03 mar 2022]. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/pgqb203FEA4?feature=share>
36. Souza C do S. Paisagem. [citado 06 abr 2022]. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/kRoLzp2EVtc?feature=share>
37. Paulino R. N [Internet]. Available from: <http://rosanapaulino.com.br/>
38. Camargo I. Gaveta dos guardados. São Paulo: Cosac Naify; 2009.
39. Viviane Lee. #IdentidadesImportadasCompactadasDemarcadas. [citado 14 nov 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=It1tHWCe-Q4>.
40. Quebrada L. Os feitiços e os desejos. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw&t=2s.
41. Lima D. O que pode um corpo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8kSSGX1Ufw&t=1316s>.
42. Bairro J. Um corpo sem juízo - Jupi do Bairro. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>.

43. Guajajara Z. R-existo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WE6kj6JFbpQ>.
44. Luz L. Descolonizada. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V_EcJsbIcNY&list=RDV_EcJsbIcNY&start_radio=1..
45. Freud S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Rio de Janeiro: Imago; 1969.
46. Deleuze G. A vida como obra de arte. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013.

APÊNDICE A – Produto Educacional “Refluxo”- “Refluxo”- Produzindo tessituras de narrativas e criações a partir de recursos artísticos



10

“Fazer-se e fazer no mundo demanda criação. Criar talvez seja o melhor banho de quebra-demanda, abre caminho e canela com mel que há. Criar demanda-quebrar o apertado, a fonte escassa que não é mais fonte; é EXPURGO.

Criar é fazer costuras, (des)fazer nós e traçar linhas multidimensionais. Criar é reminiscência do que foi e do que háDevir.”

B.

¹⁰ Pintura acrílica sobre a tela. Cariele Souza

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	87
INTRODUÇÃO.....	88
OBJETIVO.....	91
“REFLUXO”.....	93
CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS.....	97

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este produto foi desenvolvido a partir de uma experiência que se deu na pesquisa exploratória participante com encontros que fomentaram questionamentos sobre eu-mundo e criações a partir de diálogos decoloniais. Buscando outros jeitos de produzir saúde, sabe-se que os recursos artísticos são utilizados em oficinas de educação em saúde, em grupos comunitários, no espaço escolar, onde se encontra uma possibilidade inventiva de expressão, de resistência e de transformação. A arte pode tocar o mais sensível e o real em nós e nos levar a lugares diversos e singulares. Criar é um ato necessário na vida humana, isso nos impele ao novo, a movimentar-se, a buscar.

Pensar o cuidado em saúde implica ultrapassar o conceito de saúde definido como ausência de doença para enxergar a saúde em todo o seu contexto social, cultural, econômico e, sobretudo, político. Podemos pensar que cuidar é um ato político na medida em que se trata de responsabilidade e engajamento com a vida do outro. Entendendo a saúde como produção de vida, diante da relevância em ampliar práticas de saúde em diferentes espaços trazendo o debate que saúde não se produz apenas em uma única instituição e que engloba diferentes áreas do conhecimento e de serviços é que este trabalho se insere e se direciona como uma possibilidade de práxis interprofissional e intersetorial, com o recurso audiovisual e da arte performática (o vídeo abaixo), para disparar discussões acerca da saúde mental com uma perspectiva decolonial, isto é, práticas que suscitem questionamentos, construções, invenções de si e do mundo, podendo ser realizada em diferentes espaços, mas principalmente em oficinas terapêuticas, grupos ou rodas de conversa na Universidade, na Escola, em serviços de Saúde e inclusive Instituições Culturais.

INTRODUÇÃO

Cada uma/um vive uma vida singular, de picos e não linearidade, é uma rota que não sabemos onde vai dar e que somos interrompidos constantemente, com ininterruptas paradas. Neste sentido, cada um/uma passará pela experiência de forma particular, com aquilo que é possível fazer, para Dewey “a vida não é uma marcha ininterrupta, uniforme. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para o seu fim, cada qual no seu ritmo particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que perpassa por inteiro (1, p. 110)”.

A arte como experiência para pensar a vida nas tentativas, nas reflexões e introspecção, nos movimentos, onde também é possível se des.envolver, des.cobrir e conhecer,

Criar ou ser criativo nada mais é do que mergulhar nas profundezas de nosso próprio ser, de onde emergem realidades que nos desafiam e desafiam nossas próprias realidades; é para nos dar a oportunidade de descansar a rotina para enfrentar o fato de deixar que o imaginário fale a favor da nossa própria subjetividade. [Tradução nossa]. (2, p. 450).

Vivências, movimentos, descobertas, re-encontros, um retorno àquilo que é nosso, que compartilhamos e fazemos uso ao longo da vida, os chamados “patrimônios da humanidade” (3, p. 118) como a música, a dança, a escrita, os diferentes tipos de artes que permeiam a nossa vida que em diálogo com o tempo atual podem-se fazer com ela um meio de desconstrução social, de ir de assujeitado para sujeito, de fazer enfrentamentos que busquem o rompimento de sistemas que insistem em se apoderar dos corpos e discipliná-los. A criação e o viver se conectam (4), fazem parte da subjetividade e esta é construída socialmente, em contato com o outro/a, e é por isso que há a necessidade de levar em conta o contexto social no qual se vive e como determinadas pessoas vivem. Ou seja, para desconstruir uma noção de sociedade é preciso compreendê-la como ela se dá e buscar práticas contra-hegemônicas em prol de um mundo possível de viver bem.

Em Pedagogias Decoloniais, como prática de educação libertadora, decolonial e emancipatória, José Souza de Silva (5) aborda a sociedade que se preocupa mais com o desenvolvimento e civilização do que com modos de vida baseada no ato de viver bem, isto é, do ponto de vista em que inclua pessoas que estão “à margem” da sociedade, ditas “minorias” que são pessoas racializadas, povos indígenas, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência que sofrem com a injustiça social de nosso sistema que reproduz e cria múltiplas injustiças, violências, exploração para obtenção de interesses próprios, do capital; a vida tornou-se uma mercadoria. É nessa direção da dominação, opressão, silenciamento que pessoas subalternas não tem a possibilidade de viver bem, com acesso aos direitos, tempo, afetos, saúde, produzir

outros modos de vida e de subjetividade, pois é um corpo marcado cotidianamente por violências, machismo, feminicídio, genocídio e, muito embora tenha tantas potências, as feridas abertas impedem de experienciar as potencialidades. As práticas de pedagogia decolonial vão na direção de fazer destas uma política da existência que contemple todas/os/es, mais do que um país desenvolvido, é buscar alternativas para viver desenvolvendo novos/outros mundos de vida, desejos, encontros, afetos e não sobrevivências.

Diferentes “mundos” são possíveis, mas apenas um mundo biocêntrico e espiritual é relevante para a vida humana e não humana. Nisso, o fim não é "ser desenvolvido", mas "ser feliz" com modos de vida sustentáveis. [Tradução nossa] (5, p. 477)

Por decolonialidade entende-se como reconhecer outras histórias, crenças, outros povos que sempre estiveram aqui mas que devido a colonização segregou, subalternizou, impondo normas, pensamento, governando ações e emoções, a vida. É a superação de uma ideologia denominado com o certo e esse único viés constituído como vigente é o branco, cisnormativo, eficiente. Para Silva (5) “o processo de superação e transcendência da colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza, essencial para a construção de um outro mundo relevante.” [Tradução nossa]. (p. 476).

Não é à toa que a epistemologia, a ciência, a inteligência, “o ser bom” são advindas da branquitude, fortalecendo a ideia europeia de “novo mundo” (5), mundo este em que o racismo é estrutural, sistema que funcionou e “deu certo”, no sentido de que por anos e até hoje ser branco ainda é o ideal, é onde se tem mérito.

Assim como todo ser humano carece e necessita formular, criar coisas (4), sendo o ato criador inseparável do contexto social e cultural, as percepções e reflexões, arte e política caminham juntas, na medida em que a(o) artista, se engaja não só em transmitir a realidade, mas em se posicionar-se.

E para construir o novo, é relevante espaços, pessoas, intercessores, conforme Deleuze apresenta, isto é, encontros que suscitam invenções, rupturas, onde se produzam outras e diferentes ideias e criações, para um mundo diferente, potente, inclusivo, sensível. Embora não apresente um conceito direto e explícito de intercessores o autor menciona que “a criação é os intercessores. Pode ser pessoas, artistas, mas também coisas, plantas, até animais (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados é preciso fabricar seus próprios intercessores. (6, p.156), que suscite dar forma, que culminem percursos e trajetórias divergentes, a vida em recorrente metamorfose como a música da Raul Seixas “eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (7) e inventar práticas insurgentes, com intercessores, aquilo

que movimenta e faz ressonâncias. São os intercessores que mobilizam pensamentos, impulsionam deslocamentos, do pensar ao criar. Por isso, é preciso fabricá-los, fabular ideias, encontros potentes para arriscar-se na vida, como diz Deleuze “é preciso abrir as palavras, rachar as coisas, para que se liberem vetores que são os da terra” (6, p. 172). Aqui, se propõe a repensar métodos, ações, práticas na educação no campo da saúde mental de estudantes e universitários(a/es), nas oficinas de saúde em diferentes contextos, nos centros culturais, na psicologia, que são emergentes diante de um mundo contemporâneo que por muito tempo deu margem mais a epistemologia branca europeia do que outros trabalhos de outras culturas.

OBJETIVO

Contribuir para ferramentas que produzam modos inventivos de vida, dialogando sobre saúde na perspectiva decolonial por meio do uso de recursos artísticos, em oficinas e grupos terapêuticos de saúde mental com adolescentes e jovens.

“REFLUXO”

O Vídeo “Refluxo” (8) se trata de um vídeo que dialoga com as artes e a saúde, portanto, é um produto que pode ser utilizado em grupos e oficinas terapêuticas com adolescentes e jovens. Para a sua exposição e compartilhamento recomenda-se criar um ambiente confortável, silencioso e de confiança entre componentes. Apresentar do que se trata a proposta do grupo/oficina, solicitar cuidado com o conteúdo que pode emergir do encontro, ou seja, cuidado com o outro e, se possível, reservar minutos antes para o aquecimento corporal utilizando meditação, alongamento, movimentos corporais, despertando a concentração em si, a presença e conexão.

Acesse o vídeo em: <https://youtu.be/0hUov-3KjxI>

Algumas perguntas podem ser utilizadas após o vídeo, como por exemplo:

Sobre o que é esse vídeo?

O que é este vídeo?

Qual ou quais as reverberações deste vídeo?

Do que se trata este vídeo?

O que faz refletir?

Como cartografar em nós outras saídas possíveis para produção de vida?

Fale ou escreva sentimentos mobilizados pelos vídeos.

E como sugestão, ao final, pode-se estimular a criação fazendo uma proposta de registro poético acerca do que o vídeo suscitou em cada pessoa, utilizando ferramentas artísticas múltiplas.

OBS: Tendo em vista o conteúdo do vídeo, recomenda-se que o acesso a este seja facilitado por profissionais que possam disponibilizar a sua escuta sensível para o que a partir

dele poderá surgir. É importante ressaltar que o vídeo, embora tenha essa proposta de contribuir nos diálogos sobre saúde mental e arte, faz-se necessário o cuidado e ética, como qualquer outro trabalho que implique atravessamentos subjetivos.

Também, pode ser utilizado para instigar produções inovadoras do ponto de vista acadêmico com o intuito de incentivar criações e de diferentes modalidades.

CONCLUSÃO

Espera-se que este produto possa desenvolver práticas de saúde inventiva através das expressões artísticas, desenvolvendo reflexões acerca da adolescência e juventude, pautada na potência, criatividade e singularidade de cada sujeito. Além de favorecer a construção e fortalecimento de vínculos coletivos, a troca de afetos e compartilhamentos acerca das possíveis estratégias de cuidados, a produção de experiências e modos de criação com e na vida e de saúde, que auxilie no processo de subjetivação e no fortalecimento de saberes interdisciplinares, na interface saúde e arte.

REFERÊNCIAS

- 1 Dewey J. A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes; 2010. 110 p.
2. Achite A. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: Pedagogias decoloniales - Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Editora: A. 2013. p. 443–68.
- 3 Liberman F, Lima EMFA, Maximino VS, Carvalho YM. Práticas corporais e artísticas: aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista de Psicologia*. 2017 maio-ago;29(2):118–26. doi:10.22409/1984-0292/v29i2/2163.
- 4 Ostrower F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes; 2014. 186 p.
- 5 Silva SJ. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida. El paradigma del “buen vivir”/ “vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo.” In: Walsh C, editor. Pedagogias decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala; 2013. p. 469–500. [citado 10 jan 2023]. Disponível em: <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>. (Série pensamento decolonial).
- 6 Deleuze G. Os intercessores. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013.
8. Souza CS. Refluxo. [citado 10 nov 2022]. [Internet]. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0hUov-3KjxI>

SUGESTÕES DE LEITURAS

- 1 Barros M. Memórias inventadas. As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Plnaeta do Brasil; 2008. 95 p.
2. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência . *Revista Brasileira de Educação*. 2002 abr;(19):20–8. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
3. Deleuze G. Sobre a filosofia. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. p. 173–98.
4. Seixas R. Metamorfose ambulante. In: Metamorfose ambulante. [local desconhecido]: Phillips; 1988.
5. Deleuze. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. p. 109–21.
- 6 Bondía, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência . *Revista Brasileira de Educação* . scielo ; 2002. p. 20–8.
- 7 Mombaça, J. ; Mattiuzzi MM. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: A Dívida

Impagável. Oficina de. São Paulo; 2019. p. 198.

- 8 Camargo, I. Gaveta dos Guardados. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- 9 Deleuze, G. A vida como obra de arte. In: Conversações. Peter Pélbart, editor. São Paulo; Editora 34. 2013.
10. Deleuze G. O retrato de Foucault. In: n: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. 135 p.
11. Rolnik S. Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; 2011.
12. Camargo I. Gaveta dos guardados. São Paulo: Cosac Naify; 2009.

SUGESTÕES DE VÍDEOS

- 1 Emicida. AmarElo. [citado 20 ago 2021]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>.
- 2 Luna L. Um corpo no mundo. [citado 14 nov 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>.
- 3 Lee, Vivane. #IdentitiesImportadasCompactadasDemarcadas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=It1tHWCe-Q4>
- 4 Quebrada L. Os feitiços e os desejos. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw&t=2s.
- 5 Lima D. O que pode um corpo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8kSSGX1Ufw&t=1316s>.
- 6 Bairro J. Um corpo sem juízo - Jupi do Bairro. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>.
- 8 Luz L. Descolonizada. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V_EcJsbIcNY&list=RDV_EcJsbIcNY&start_radio=1.
9. Guajajara Z. R-existo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WE6kj6JFbpQ>.

APÊNDICE B - Cartaz de divulgação para participação no projeto



PROJETO

SobreVivências

Trata-se da pesquisa científica:
"Arte e Saúde: produzindo cuidado na tessitura
de narrativas com jovens".
Serão oferecidas 10 encontros, de até 1h30min,
online e gratuitos.

CONVITE

Inscrições:
De 01/02 a 07/02/22

Requisitos:
Jovens maiores de 18 anos com
acesso a internet.

Vagas limitadas.

Previsão de início:
12 de fevereiro de 2022, às 9h00.

Parceria:
Secretaria de Cultura do Município de Suzano

Pesquisadora responsável:
Carielle Souza tem formação em
psicologia, e é artista-pesquisadora.
É mestranda em Formação
Interdisciplinar em Saúde pela USP,
estuda temas voltados para a
juventude, saúde, arte e
interseccionalidade.

Mais informações:
cariesouza@usp.br

Carielle Souza
Psicóloga CRP06/148458

APÊNDICE C - Formulário de Inscrição

Inscrição Projeto SobreVivências

LEIA COM ATENÇÃO ANTES DE REALIZAR A SUA INSCRIÇÃO.

O projeto SobreVivências faz parte de uma pesquisa científica intitulada “Arte e Saúde: produzindo cuidado na tessitura de narrativas com jovens”. O projeto compreende as juventudes em sua pluralidade e suas diversas vivências e sobrevivências. Temos como intuito promover discussões sobre o cuidado à saúde e estimular o pensamento crítico a respeito de si e da vida, sendo uma prática que valorize e escute a pessoa, fortalecendo a rede de cultura em articulação com a saúde, com jovens maiores de 18 anos e com acesso à internet.

Temos como metodologia, realizar até 10 encontros em formato de roda de conversa (1 encontro por semana), para experimentar atividades artísticas e com ela trocar e compartilhar experiências de vida e de criação. A pesquisa será realizada através da plataforma virtual google meets, em grupo, composto por até 8 jovens, com duração de até 1 hora e 30 minutos.

A pesquisa poderá ser interrompida antes disso, caso nenhum/a dos/as/es participantes demonstre interesse em seguir até o décimo encontro. A pesquisa poderá ser interrompida antes disso, caso nenhum/a dos/as/es participantes demonstre interesse em seguir até o décimo encontro.

A cocriação tem como intuito também gerar um produto coletivo a ser combinado e definido com todes participantes (exposição, acervo de memória, etc), que será divulgado no Centro de Cultura Francisco Carlos Moriconi, Instituição co-participante, mantendo o anonimato e confidencialidade de todes.

PARA SE INSCREVER:

Preencha seus dados nesta seção e não esqueça de verificar suas respostas antes de enviar.

Público: jovens acima de 18 anos, que tenham acesso à internet.

Fique atenta/o/e ao cronograma e ao seu e-mail para receber o retorno da seleção, mais informações sobre a pesquisa, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Imagem e Som.

Início previsto: 05/03, às 9h.

Pesquisadora responsável: Cariele do Sacramento Souza

Orientadores: Prof.º Dr. Celso Zilbovicius e Profa. Dra. Yara Mª de Carvalho
Departamento/Instituto: Faculdade de Odontologia; Faculdade de Saúde Pública,
Instituto de Psicologia, Escola de Enfermagem, da Universidade de São Paulo (USP)
Programa: Mestrado Profissional em Formação Interdisciplinar em Saúde

***Obrigatório**

1. Nome Completo *
2. Idade *
3. Identificação Étnico-racial *
4. Identidade de Gênero *
5. Orientação Sexual *
6. E-mail *
7. WhatsApp (ddd+número) *
8. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Mestrado, completo
- Doutorado, completo
- Ensino fundamental completo
- Outros

9. Endereço/Cidade onde mora *
10. Você é PCD - Pessoa com deficiência? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

11. Se você respondeu SIM na pergunta anterior e precisa de algum suporte específico para participar dos encontros, por favor especifique-o:
 12. Frequenta algum Centro cultural? *
 13. Qual o serviço de saúde mais utilizado por você? *
 14. Tem acesso à internet? *
 15. Qual a sua ocupação? *
 16. Já participou de experimentações artísticas anteriormente? *
 17. Tem disponibilidade para participar de até 10 encontros, 1 vez por semana, online, com duração de até 1h e 30 minutos? *
- Sim
Não
Talvez
18. Deixe aqui algum comentário, dúvidas ou sugestões.

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹¹ (maiores de 18 anos)

Título da Pesquisa: “Arte e Saúde: produzindo cuidado na tessitura de narrativas com adolescentes e jovens”

Pesquisadora: Cariele do Sacramento Souza

Orientadores: Prof.º Dr. Celso Zilbovicius e Profa. Dra. Yara Mª de Carvalho

Departamento/Instituto: Faculdade de Odontologia; Faculdade de Saúde Pública, Instituto de Psicologia, Escola de Enfermagem, da Universidade de São Paulo (USP)

Programa: Mestrado Profissional em Formação Interdisciplinar em Saúde

Prezada (o) participante,

Gostaria de convidá-la a participar do presente estudo, que tem como objetivo contribuir para as práticas de cuidado à saúde através das artes e estimular o pensamento crítico a respeito de si e da vida e para uma prática que valorize e escute a pessoa, neste caso adolescentes e jovens, fortalecendo a rede de cultura em articulação com a saúde.

A sua participação é muito importante e se dará através de encontros que ocorrerão através da plataforma virtual *Google Meet*, uma vez por semana, totalizando até 10 encontros, em um horário a ser definido, com o grupo composto por até 8 jovens, com duração de até 1 hora e 30 minutos. A pesquisa poderá ser interrompida antes disso, caso nenhum dos participantes demonstre interesse em seguir até o décimo encontro.

Cada encontro terá diálogos sobre arte, saúde e juventude e realizaremos práticas artísticas e corporais (colagem, dança, poesia, desenho, etc). Ao final de todo encontro faremos um compilado em forma de registro fotográfico das produções e das memórias de todo o processo vivido para compor o e-book digital, tais dados serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade. Os/as participantes deverão aprovar o conteúdo exposto no e-book, para posteriormente ser compartilhado com os/as mesmos/as e ser divulgado ao público.

Será necessária a gravação para transcrição dos dados, as imagens e ou eventual narrativa que necessite ser destacada para o compilado de memórias na dissertação e no e-book digital, sem ser utilizada para outros fins. Assim, será feito o download do arquivo para o equipamento eletrônico da pesquisadora, caso seja necessário, sua narrativa será transcrita em forma de texto, exatamente como foram ditas, sem te identificar. Dessa forma, o participante está ciente da gravação e do uso deste registro fotográfico e assinará o Termo de Autorização de Imagem e Som (a seguir).

Este estudo declara riscos previstos por se tratar de uma pesquisa subjetiva em formato online, e decorrem principalmente de possível desconforto com as temáticas abordada. Caso haja tal situação, a pesquisadora se compromete em reservar um momento individual com a/o participante e, se necessário, realizar a articulação com a rede de saúde para o devido acolhimento. É garantido o direito à indenização caso haja algum prejuízo ao participante em decorrência da pesquisa e o direito à assistência.

Também, diante de limitações tecnológicas, podem ocorrer violação com relação ao link do encontro e vazamento da gravação e das imagens. No entanto, todos os esforços serão demandados para garantir a confidencialidade, entre eles: o link será criado pela pesquisadora

¹¹ Link para deste termo em formulário: <https://forms.gle/NUfkWCHhhNknHeJQA>

condutora e o acesso da reunião dependerá da aprovação da anfitriã (pesquisadora) da sala, e será feito o download das imagens e gravação logo após a finalização do encontro para o equipamento da pesquisadora, armazenado em uma pasta, a ser deletado posteriormente após a análise dos dados, excluindo assim qualquer dado que fique em ambiente compartilhado ou “nuvem”.

Buscaremos criar um ambiente acolhedor a todos e todas para que não ocorra constrangimento e para que a participante da pesquisa possa expor suas ideias. É importante que todas/os participantes também preservem o sigilo e confidencialidade do diálogo que será exposto nos encontros virtuais.

Os benefícios da pesquisa se referem a refletir sobre a adolescência e juventude no cenário atual, além de criar possibilidade para rede de apoio e outros modos possíveis de cuidado. Sua participação é voluntária, podendo você recusar-se a participar ou mesmo deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Quaisquer dúvidas com relação às questões éticas da pesquisa podem ser esclarecidas no CEP-FOUSP - Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo – Avenida Professor Lineu Prestes no 2227 – 05508-000 – São Paulo – SP – Telefone (11) 3091.7960 – e-mail cepfo@usp.br. O horário de atendimento ao público e pesquisadores é: de segunda a sexta-feira das 9 às 12h e de 14 às 16h (exceto em feriados e recesso universitário). Poderá entrar em contato também com CEP-SMS para dúvidas e denúncias quanto à questões éticas através do e-mail smscep@gmail.com ou telefone (11) 33972464. Você estará protegida por leis e comitê de ética que versam sobre a pesquisa com seres humanos. Poderá entrar em contato também com a pesquisadora pelo telefone (11) 94916-9425 ou pelo e-mail carielesouza@usp.br.

Você receberá uma via do termo automaticamente via email cadastrado no formulário, para o seu devido arquivamento e a outra via preenchida ficará arquivada no equipamento eletrônico da pesquisadora.

Após ler, acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre o estudo “Arte e Saúde: produzindo cuidado na tessitura de narrativas com adolescentes e jovens”. Estou ciente e concordo com a participação de forma voluntária, ciente que posso desistir a qualquer momento e sem haver ônus ou algum prejuízo.

- Concordo
- Discordo

SESSÃO 2

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Cariele do Sacramento Souza do

projeto de pesquisa intitulado “Arte e Saúde: produzindo cuidado na tessitura de narrativas com adolescentes e jovens”, à gravação que se faça necessária sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização das fotos das práticas expressivas que serão construídas (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos, para compor o compilado de memória proposto em formato de Ebook-digital e na dissertação, em favor da responsável da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos jovens (Estatuto da Juventude N.º 12852/2013) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004)

Você tem a liberdade de autorizar ou não o uso de sua imagem. Caso você não autorize o registro fotográfico e/ou a filmagem não haverá nenhum prejuízo. Se houver interesse ou necessidade de qualquer esclarecimento durante ou após a captação das imagens, você pode me procurar pelo telefone (11) 94916-9425, e-mail: cariesouza@usp.br.

Eu li e CONCORDO com o Termo de Autorização do Uso de Imagem.



- Concordo
- Discordo

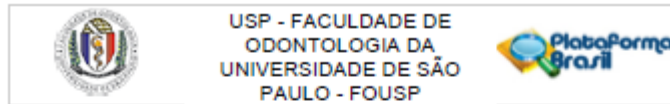
Nome do/a participante: _____

Data de nascimento: _____

Email: _____

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética da FOUSP

	USP - FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FOUSP							
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP								
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA								
Título da Pesquisa: Arte e Saúde: produzindo o cuidado na tessitura de narrativas com adolescentes e jovens								
Pesquisador: Celso Zilbovicius								
Área Temática:								
Versão: 5								
CAAE: 48382521.0.0000.0075								
Instituição Proponente: Universidade de São Paulo - Faculdade de Odontologia								
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio								
DADOS DO PARECER								
Número do Parecer: 5.150.364								
Apresentação do Projeto:								
<p>As informações foram retiradas do documento "Informações Básicas do Projeto", de 11/11/2021: "Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e participante, com rodas de conversa virtuais, integrando práticas corporais e artísticas para tramar redes de cuidado em coletivo, pensar a vida e fortalecer ações de promoção de saúde em espaço de cultura. O campo de pesquisa escolhido foi o Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi do município de Suzano. Para realização deste estudo, pretende-se construir um espaço de acolhimento, por meio da plataforma virtual google meets. Para convidar os participantes, após acordo com a direção do Centro de Educação e Cultura, será realizado um cartaz digital para divulgação do projeto de pesquisa, que será em formato de roda de conversa para abordar a proposta geral para clínica de todos/as. Assim, ao final do encontro, serão selecionados os/as participantes de acordo com os critérios acima expostos e conforme a quantidade de pessoas. Posteriormente, todos/as receberão o link do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Uso de autorização de Imagem e som, para preenchimento via formulário, os emails dos/das dos mesmos/as serão adquiridos no final deste primeiro encontro. Os termos deverão ser autorizados de forma voluntária. Apenas após a autorização dos/das mesmos/as, que a pesquisa será iniciada. A obtenção do consentimento se dará através do "Clique</p>								
<table border="1"> <tr> <td>Bairro: Cidade Universitária</td> <td>CEP: 05.508-900</td> </tr> <tr> <td>UF: SP</td> <td>Município: SÃO PAULO</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (11)3091-7950</td> <td>Fax: (11)3091-7960 E-mail: cep@usp.br</td> </tr> </table>			Bairro: Cidade Universitária	CEP: 05.508-900	UF: SP	Município: SÃO PAULO	Telefone: (11)3091-7950	Fax: (11)3091-7960 E-mail: cep@usp.br
Bairro: Cidade Universitária	CEP: 05.508-900							
UF: SP	Município: SÃO PAULO							
Telefone: (11)3091-7950	Fax: (11)3091-7960 E-mail: cep@usp.br							



Continuação do Parecer: 5.155.364

preenchimento, automaticamente o participante receberá uma via do termo respondido para o seu devido arquivamento e a outra via preenchida ficará arquivada no equipamento eletrônico da pesquisadora. No primeiro dia será realizado um contrato sobre sigilo para preservar o que será exposto nos encontros, combinados entre a frequência, duração da roda e participação voluntária para compartilhamento de experiências, além de outras regras a serem construídas em coletivo para que seja possível criar um espaço acolhedor e aberto para o desejo e fala de cada um/uma, com ênfase no encontro entre os sujeitos e produção de si e do outro. Serão realizados até 10 encontros, com até 8 participantes, através da plataforma virtual, semanalmente, com duração de até 1 hora e 30 minutos. Cada encontro terá 2

momentos: 1- Atividade de relaxamento ; 2- Práticas artísticas (escrita, desenho, dança, teatro, colagem ou outra linguagem expressiva) com temas propostos pelos mesmos com discussão acerca do que as práticas suscitaram."

Objetivo da Pesquisa:

As informações foram retiradas do documento "Informações Básicas do Projeto", de 11/11/2021: "Compreender como a arte pode contribuir para com o cuidado à saúde de adolescentes e jovens por meio de narrativas a respeito da saúde e da vida, estimulando o pensamento crítico e as potencialidades dos participantes. Mapear recursos artísticos para serem experimentados junto ao coletivo; Analisar o percurso relativo ao processo criativo e a sua relação com a experiência; Contribuir para com os estudos que se voltam para a interface arte e saúde, tendo como foco o desenvolvimento de práticas que possam ser utilizadas nos serviços de saúde e em redes intersetoriais; Articular saberes e práticas interdisciplinares.

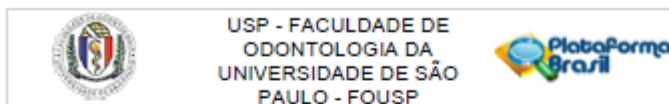
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações foram retiradas do documento "Informações Básicas do Projeto", de 11/11/2021:

Riscos:

"Este estudo declara riscos previstos por se tratar de uma pesquisa subjetiva em formato online, e decorrem principalmente de possível desconforto com as temáticas abordada. Caso haja tal situação, a pesquisadora se disponibiliza a reservar um momento individual com o participante e, se necessário, realizar a articulação com a rede de saúde para o devido acolhimento. Também, diante de limitações tecnológicas, podem ocorrer violação com relação ao link do encontro e vazamento da gravação e das imagens. No entanto, todos os esforços serão demandados para garantir a confidencialidade, entre eles: o link será criado pela pesquisadora condutora e o acesso da reunião dependerá da aprovação da anfitriã (pesquisadora) da sala, e será feito o download das

Endereço: Av Prof Lineu Prestes 2227 - 1º andar, sala 02 da administração
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-900
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3091-7950 Fax: (11)3091-7950 E-mail: cept@usp.br



Continuação do Parecer: 5.150.394

Imagens e gravação logo após a finalização do encontro para o equipamento da pesquisadora, armazenado em uma pasta, a ser deletado posteriormente após a análise dos dados, excluindo assim qualquer dado que fique em ambiente compartilhado ou "nuvem".

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa se referem a refletir sobre a adolescência e juventude no cenário atual, além de criar possibilidade para rede de apoio e outros modos possíveis de cuidado. As informações fornecidas serão confidenciais. Os dados serão utilizados apenas para fins científicos sem a identificação dos participantes."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1_ Estudo Nacional, unicêntrico, prospectivo, qualitativo, exploratório, na área de Ciências Humanas e Sociais.

2_ Caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de Mestre.

3_ País de Origem: Brasil

4_ Número de participantes incluídos no Brasil: 8 (maiores de 18 anos).

5_ Centros de Pesquisa no Brasil: FOU SP e Prefeitura Municipal de Suzano (Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi - SP).

6_ Previsão de início e encerramento do estudo (Iniciando no recrutamento do participante de pesquisa): janeiro a julho de 2022, respectivamente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

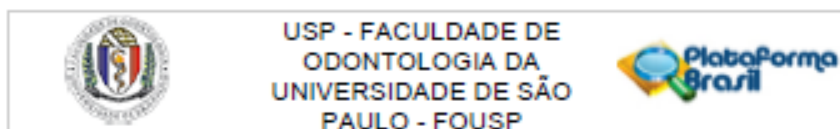
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente nº : 5.019.437, emitido pelo CEP em 05/10/2021.

1. Pendência 10: **PENDÊNCIA NÃO ATENDIDA:** Independente da idade do participante da pesquisa, esses direitos devem ser garantidos no TCLE, conforme Resolução CNS 466/12.

Resposta: Realizada a inclusão dos direitos. Verificar em "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido"

Endereço: Av Prof Lineu Prestes 2227 - 1º andar, sala 02 da administração
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.506-900
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3091-7960 Fax: (11)3091-7960 E-mail: cepfb@usp.br



Continuação do Parecer: 5.150.394

Pendência atendida.

2. Pendência 12. Readequar o cronograma para a próxima reunião do CEP, em todos os documentos, se necessário.

Resposta: Cronograma atualizado. Segue abaixo.

Pendência atendida.

3. Pendência 13. Muito embora os autores tenham modificado o público-alvo da pesquisa (não sendo mais com menores de 18 anos), em alguns momentos, como em "Informações Básicas do Projeto", os pesquisadores citam "Será realizada com adolescentes e jovens entre 15 a 19 anos" ou "termo de ASSENTIMENTO livre e esclarecido". Com isso, uma vez excluído os participantes de pesquisa menores de 18 anos, todos os documentos devem estar coerentes com essa alteração. Assim, solicita-se uma revisão de todos os documentos apresentados.

Resposta: Alterado as Informações Básicas sobre o projeto.

Pendência atendida.

4. Pendência 14. Substituir a carta da Secretaria de Cultura de Suzano, ajustando as informações relacionadas com a modificação da idade dos participantes de pesquisa que serão recrutados, uma vez que consta "A pesquisa qualitativa tem caráter exploratório e participante, tem como proposta realizar até 10 encontros em ambiente virtual através de rodas de conversa, com até 8 participantes voluntários e autorizados pelos seus responsáveis (assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, Termo de Autorização de Imagem e som), entre 15 a 19 anos de idade."

Resposta: Carta modificada, verificar em anexo "Carta à Secretaria de Cultura de Suzano". Termo de autorização modificado.

Pendência atendida.

5. Pendência 15. No TCLE, substituir 1:30 por 1hora e 30minutos.

Endereço: Av Prof Lineu Prestes 2227 - 1º andar, sala 02 de administração
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-900
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3091-7950 Fax: (11)3091-7950 E-mail: cepfb@usp.br



USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - FOUSP



Continuação do Parecer: 5.150.354

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Arte_e_Saude_.pdf	11/11/2021 20:28:24	Cariele do Sacramento Souza	Aceito
Outros	Apresentacao_Secretaria_de_Cultura.pdf	15/10/2021 14:44:43	Cariele do Sacramento Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_E_ESCLARECIDO_maior_18_modific ado_.pdf	15/10/2021 14:29:38	Cariele do Sacramento Souza	Aceito
Outros	Carta_a_Secretaria_de_cultura_de_Suz ano_modificado.pdf	15/10/2021 14:27:49	Cariele do Sacramento Souza	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	20/06/2021 18:44:07	Cariele do Sacramento Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DA_PE SQUISADORA_RESPONSAVEL.pdf	20/06/2021 18:40:53	Cariele do Sacramento Souza	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Neoescita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 07 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Alyne Simões Gonçalves
(Coordenador(a))